

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ASPECTOS DO IMPERIALISMO ATENIENSE NA ORAÇÃO FÚNEBRE DE PÉRICLES  
E EM AS *SUPPLICANTES* DE EURÍPIDES

LUIZ CARLOS CAMARGO OBERST

BRASÍLIA  
2015

LUIZ CARLOS CAMARGO OBERST

ASPECTOS DO IMPERIALISMO ATENIENSE NA ORAÇÃO FÚNEBRE DE PÉRICLES  
E EM AS *SUPPLICANTES* DE EURÍPIDES

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília para a obtenção do grau de licenciado em História. Defesa oral: 07 de dezembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Henrique Modanez de Sant'Anna (Orientador)

---

Prof. Dr. Rodolfo Pais Nunes Lopes

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra Lúcia Rodrigues da Rocha

Aos meus pais.

## AGRADECIMENTOS

Durante todo o tempo em que estive envolvido com a realização desta pesquisa, pude contar com diversas pessoas que de alguma forma me deram incentivo para prosseguir.

Agradeço primeiramente ao meu orientador, Prof. Dr. Henrique Modanez de Sant'Anna, que me auxilia com toda a paciência e capacidade possível na experiência acadêmica desde meu ingresso, há 4 anos atrás, na Universidade de Brasília. Sou grato por ter me aceitado e espero corresponder com as expectativas que tenha gerado ao meu respeito.

Aos meus pais, Rozilda e Luiz Carlos Oberst, sou eternamente grato pela educação que me deram e pelo apoio emocional e material que têm me fornecido, não só durante a graduação, mas durante minha vida inteira, sem os quais eu não teria esperanças de chegar até aqui.

Meus agradecimentos ao Prof. Dr. Rodolfo Pais Nunes Lopes e a Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Sandra Lúcia Rodrigues da Rocha por aceitarem fazer parte da minha banca examinadora, assim como aos meus colegas orientandos que seguem comigo em prol do mesmo objetivo, me ajudando com dicas e incentivos na realização dos trabalhos acadêmicos.

Agradeço também à minha irmã, Lisley Oberst, e a Luiza Fidelis por terem acompanhado de perto a minha trajetória e o desenvolvimento dessa monografia, lendo-a desde o primeiro capítulo que foi escrito e dando-me conselhos na medida do possível. A ajuda de vocês foi estimulante e de extrema utilidade.

Por fim, agradeço a todos os amigos que, diretamente ou indiretamente, conscientemente ou inconscientemente, ajudaram no meu desenvolvimento como estudante e historiador. Muito obrigado.

## RESUMO

Esta pesquisa pretende mapear e analisar os aspectos da prática imperialista ateniense presentes na oração fúnebre de Péricles, relatada na *História da Guerra do Peloponeso* de Tucídides, e na tragédia *As Suplicantes*, de Eurípides. Ao fazer isso, busca-se argumentar que o discurso de Tucídides sobre o império ateniense não foi forjado somente ao seu interesse ou foi exclusivo de seu pensamento, mas, ao contrário, encontra audiência mais ampla ao se assemelhar com a percepção de valores contemporâneos implícitos na tragédia de Eurípides. Com efeito, a intensa política de dominação de Atenas sobre as cidades aliadas e seu desejo de expansão encontram-se evidenciados de modo emblemático nas duas fontes supracitadas, por meio de discursos similares que procuravam justificar, tanto para aliados quanto para inimigos, a sua superioridade militar, econômica e cultural, além de garantir o direito de intervir – politicamente e militarmente – nos assuntos de outras *poleis*.

**Palavras-Chave:** Imperialismo ateniense. Oração fúnebre. Tragédia. *As Suplicantes*.

## SUMÁRIO

Introdução.....	1
1 O império ateniense e sua ideologia, segundo Tucídides.....	4
1.1 O império.....	4
1.2 A guerra.....	8
2 Situando a tragédia grega: Eurípides e <i>As Suplicantes</i> .....	14
2.1 A tragédia grega.....	14
2.2 Eurípides.....	18
2.3 <i>As Suplicantes</i> .....	22
3 O imperialismo na oração fúnebre e na tragédia.....	25
3.1 Tragédia e política.....	25
3.2 <i>As Suplicantes</i> e política.....	28
3.3 A oração fúnebre e <i>As Suplicantes</i> .....	31
Considerações Finais.....	37
Fontes e Referências bibliográficas.....	38

## INTRODUÇÃO

O surgimento do império ateniense é convencionalmente datado em 454 a.C.<sup>1</sup> e tem seu fim em 404, no momento em que os atenienses se rendem aos espartanos, pondo fim à longa Guerra do Peloponeso. A formação de um império, é claro, não se dá instantaneamente. É por isso que, no caso de Atenas, as primeiras razões para a sua predominância sobre as outras *poleis* podem ser remetidas ao seu protagonismo nas principais vitórias contra os invasores persas, ocorridas em 490, na batalha de Maratona, e em 480, na batalha naval de Salamina, durante as Guerras Médicas. A ameaça persa foi capaz de forçar uma união entre as cidades gregas que jamais seria observada novamente, tendo inflamado os sentimentos de liberdade política (MARTIN, 2000, p. 105).

A consolidação do império ateniense, no entanto, causa grandes transformações nas relações entre as cidades do mundo grego. Essa configuração política se mostrava inteiramente nova e substituía a tradicional autonomia das *poleis* gregas. De um lado, cidades aliadas a Atenas eram compelidas a permanecerem como tal e tinham que se sujeitar aos interesses dela. De outro, os inimigos só poderiam esperar derrubar a hegemonia ateniense caso se unissem sob uma coalisão militar liderada por Esparta, portanto também viram sua liberdade ser tolhida de certa forma.

Por ser novidade, os atenienses tiveram que legitimar seu domínio por meio de um discurso que se justificava baseando-se nos valores sociais pré-existentes e aceitos entre os gregos e ao mesmo tempo afastar da imagem de déspotas que antes era atribuída aos persas. O idealizador desse discurso é Péricles, o principal estadista ateniense da época que, graças às suas habilidades políticas, foi capaz de anular seus opositores e liderar a cidade praticamente sozinho até sua morte em 429.

Ao final do primeiro ano da Guerra do Peloponeso, Péricles proferiu em honra dos atenienses mortos em batalha a sua famosa oração fúnebre. Este discurso, relatado por Tucídides (2.35-46), é certamente uma das passagens mais importantes da obra do historiador, pois nela observa-se os principais aspectos da ideologia imperialista ateniense difundida durante a Era de Péricles. Isto porque as orações fúnebres eram frequentemente aproveitadas para exaltar o patriotismo e a moral cívica por meio daqueles que morreram em defesa da sua cidade (RAAFLAUB, 2007, p. 113).

---

<sup>1</sup> Todas as datas apresentadas nessa pesquisa são do período a.C., a menos quando explicitamente mencionado ou no caso de referências bibliográficas.

Durante esse tempo, todos os anos, ocorriam os festivais religiosos em honra dos deuses por toda a Grécia. O maior de todos eles, as Grandes Dionisiacas, acontecia em Atenas e era celebrado em nome de Dioniso. O festival encerrava-se no momento mais aguardado: as competições de tragédias, nas quais os poetas disputavam entre si o primeiro lugar. As tragédias faziam uso dos mitos conhecidos para tratar de questões morais e costumes comuns a todos os gregos, como a reverência aos deuses, o respeito às regras de hospitalidade, às convenções fúnebres, etc. Esta característica, somada a outros ritos que faziam parte do festival, evidencia o forte propósito das tragédias voltado para a educação cívica daqueles que as assistiam. Para além disso, grande parte delas também deixa claro o seu objetivo em exaltar Atenas e seus cidadãos, idealizando-os como virtuosos e ferrenhos defensores dos costumes pan-helênicos. Assim, o papel das tragédias na sociedade ateniense deixa de ser voltado meramente para o entretenimento e torna-se uma forte ferramenta da política ateniense.

A tragédia *As Suplicantes* (c. 424) de Eurípides está entre aquelas em que se nota de forma clara as influências do pensamento político ateniense em sua composição e, por essa razão, pode apresentar em seu enredo tanto caracterizações sobre a organização política e social interna da Atenas clássica quanto aspectos referentes à sua prática hegemônica sobre os aliados. Portanto, da mesma forma que a oração fúnebre de Péricles mostra um esforço em forjar um discurso idealizado sobre o imperialismo ateniense, *As Suplicantes* também possui atribuições que levam a compreendê-la com esse mesmo propósito, voltado para todo o público que assistia à peça no festival, incluindo os gregos que vinham de outras regiões. Assim, os aspectos sobre o imperialismo ateniense presentes na tragédia, tais como são encontrados em grande parte de forma semelhante na oração fúnebre, sugerem que a percepção de Tucídides sobre o império e suas práticas não era exclusiva apenas a ele, sendo compartilhada por um número maior de atenienses.

Para poder argumentar nesse sentido, é preciso que antes o contexto histórico em que se debruça a hipótese esteja devidamente esclarecido. Primeiramente, será feita a análise do cenário político e social em Atenas, baseando-se no que nos apresenta Tucídides, a principal fonte para o período. Busca-se o entendimento sobre a organização interna da cidade e sua administração externa em relação a aliados e inimigos. Também é exposto sobre a Guerra do Peloponeso, evento gerado por consequência direta do imperialismo ateniense, além de se apresentar o relato de Tucídides sobre a oração fúnebre em suas principais características.

Em seguida, tratar-se-á a tragédia grega em geral, considerando-se suas origens, seus aspectos mais marcantes e sua importância para Atenas. Os três grandes tragediógrafos



também são apresentados seguindo o mesmo raciocínio, em especial Eurípides, autor de *As Suplicantes*, cuja a história é relatada logo em seguida.

Por fim, é necessário evidenciar o controverso debate historiográfico a respeito do propósito político das tragédias e dos festivais religiosos, apresentando e criticando os principais argumentos de autores que trataram do assunto. De forma semelhante, estudos e interpretações que abordam especificamente *As Suplicantes* serão analisados. Uma vez que todos os tópicos acerca do tema estejam solucionados, deverá ser feito o cruzamento das duas fontes com objetivo de mapear e compreender os aspectos do imperialismo ateniense que possam estar presentes em ambas.

## CAPÍTULO 1

### O IMPÉRIO ATENIENSE E SUA IDEOLOGIA, SEGUNDO TUCÍDIDES

#### 1.1 O império

Cabe, antes de qualquer coisa, procurar definir o significado de império e esclarecer por que as relações entre Atenas e seus aliados durante o século V configuraram de fato uma prática imperialista. O conceito do verbete “império” no dicionário Aurélio é “1. Autoridade, comando, domínio; 2. Influência dominadora, predomínio, preponderância” (FERREIRA, 2004). Depreende-se deste conceito que a condição básica para o estabelecimento de um império é a existência de uma relação entre um Estado dominador com outros Estados que são dominados. Porém, vale ressaltar que tal dominação pode se dar de diversas maneiras, e não apenas por meio da ocupação e anexação de territórios como se costuma imaginar quando se fala em impérios (imaginação alimentada graças ao *modus operandi* típico dos Estados europeus durante o colonialismo e neocolonialismo). Como será visto mais adiante, os atenienses pouco se utilizaram desta prática para conquistar outras regiões da Grécia<sup>2</sup>, mas por outro lado fizeram largo uso de várias outras formas de dominação, seja pela cobrança de tributos, pela interferência na autonomia política e diplomacia local, pela deliberação de valores e medidas no comércio marítimo e até por imposição cultural (FINLEY, 1982, p. 45). Também é recorrente a simplista ideia de que, para haver um império, é necessária a figura do imperador; o que não é verdade, face aos inúmeros exemplos de Estados imperialistas que não necessariamente adotaram um regime monárquico, como foi o próprio caso de Atenas (FINLEY, 1982, p. 41). Por fim, as diferentes formas de dominação e o caráter “voluntário” da aliança entre Atenas e os seus primeiros aliados tornam difícil estabelecer um momento exato (a não ser por conveniência) em que surge o império (FINLEY, 1982, p. 42). De qualquer forma, considerando tudo isso, não restam dúvidas de que durante este período observa-se a consolidação de um império ateniense.

Pode ser que a importância dada ao império ateniense seja reflexo do grande número de fontes disponíveis sobre o assunto, mas é também notável que os atenienses tenham conseguido transformar tão profundamente as relações dentro do mundo grego, sobretudo através da política externa, muita atípica se comparada às situações passadas. Além disso, a

---

<sup>2</sup> Não é o que ocorre, por exemplo, no caso dos mélios. Insistindo em se manter neutra na Guerra do Peloponeso, a ilha de Melos acabou sendo completamente dizimada pelos atenienses, que desejavam subjugar-la, tendo os homens sido mortos, as mulheres e crianças escravizadas e o território recolonizado por atenienses. Esse é talvez um dos episódios mais brutais da guerra (Sobre ele, ver 5.116).

grandiosidade do domínio de Atenas fez com que o helenismo tipicamente ateniense se disseminasse por toda a Grécia e se tornasse a referência da cultura grega até os dias de hoje (Low, 2009, p. 65).

O império começa a tomar forma quando os atenienses assumem o comando de uma aliança, hoje conhecida por Liga de Delos, formada por ela e por outras cidades gregas, e que visava defender a Hélade de uma eventual nova invasão persa. A aliança determinava a formação de uma única esquadra, sob comando ateniense, que pudesse proteger todos os gregos. Grande parte das cidades que aderiram à aliança estava nas várias ilhas do Mar Egeu e na Ásia Menor, ou seja, áreas que tinham sido mais atingidas pela invasão persa; já as cidades da região continental, sobretudo aquelas situadas no Peloponeso, permaneceram sob a liderança espartana em uma coalizão militar já existente desde o século VI – a Liga do Peloponeso.

As cidades da Liga de Delos deveriam contribuir com navios e tripulação, ou por meio de tributos. Porém, visto que a construção de navios e a organização de tripulação era prática penosa e cara para as pequenas cidades, pouco a pouco todas – com exceção de Lesbos e Quio – optaram por pagar os tributos aos atenienses, que passaram a ter o controle total dos recursos (FINLEY, 1963, p. 54; Low, 2009, 71). O crescente domínio de Atenas sobre as outras cidades transformou a Liga de Delos no império ateniense. As cidades que se recusavam a pagar os tributos ou que demonstravam intenções de romper laços passaram a ser duramente reprimidas e obrigadas à submissão (MARTIN, 2000, p. 108). O tesouro acumulado era armazenado na ilha de Delos, mas em 454 foi transferido para Atenas sob Péricles, acontecimento que marca a consolidação do domínio ateniense (FINLEY, 1963, p. 54).

Há várias fontes que remetem ao império ateniense (ao menos de forma indireta, como no caso das tragédias e comédias), mas qualquer estudo sobre o tema deve passar obrigatoriamente pela *História da Guerra do Peloponeso*, de Tucídides. Embora não se conheça muito sobre a vida do autor, sabe-se que ele era ateniense, nascido por volta de 455, e que vinha de uma família proeminente, detentora de minas de ouro na região da Trácia (CANFORA, 2006, p. 6). Não só testemunhou o evento que relata, mas também foi partícipe. Sobreviveu à peste que assolou Atenas em 430 em meio ao conflito; anos depois, foi designado estrategista e enviado a Anfípolis na tentativa de recuperar a região que havia sido capturada pelo general espartano Brásidas. Após tentativa desastrosa – narrada por ele próprio em sua obra –, foi considerado culpado pelo erro e condenado ao exílio pelos atenienses. Com isso, Tucídides passou a se dedicar ao seu trabalho historiográfico com o objetivo de relatar todos os acontecimentos do conflito que ele julgou ser o maior de todos os tempos (1.1; 1.23).

Entretanto, acabou morrendo antes de poder concluir sua obra, constando nela 20 dos 27 anos de guerra<sup>3</sup>.

A preocupação de Tucídides em se atingir as causas verdadeiras por trás dos acontecimentos – partindo da premissa de que tais verdades podem ser alcançadas – é sem dúvida a característica mais marcante nos oito livros que compõem a *História da Guerra do Peloponeso* (BOWRA, 1971, p. 5; MEISTER, 2008, p. 50). Para deixar essa intenção evidente, o autor faz clara oposição de sua metodologia à dos historiadores que o precederam, especialmente Heródoto, a quem indiretamente tece duras críticas quanto ao hábito de expor os fatos históricos dotados de fantasias (1.21-22). Também se nota que o autor procura sempre racionalizar as ações dos personagens que fazem parte de sua obra. É recorrente a exposição de discursos e debates que antecedem imediatamente as batalhas ou as decisões importantes que são tomadas durante a guerra, onde os indivíduos tentam apresentar seus argumentos para determinado assunto da maneira mais convincente possível<sup>4</sup>. É em grande parte graças a esses discursos que é possível a aproximação de como funcionava o império ateniense. É claro que, como qualquer historiador, Tucídides não é imparcial, embora tente ser; portanto, sua visão do que era a Atenas de sua época não deve ser tomada como verdade absoluta. Todavia, cabe apresentar algumas características mais importantes da política, da economia e da sociedade atenienses que podem ser observadas em sua obra.

As bases do regime democrático que predomina na maior parte do tempo no império ateniense já existiam desde as reformas de Sólon, em 594, e de Clístenes, em 507, que visavam reduzir o poder da aristocracia e ampliar a participação popular nas decisões políticas da *polis*. Mas é com as mudanças feitas por Efialtes e principalmente por Péricles em 450 que a democracia ateniense atinge o seu maior amadurecimento político e ganha os seus aspectos mais radicais. Inicialmente, há uma redução drástica nas atribuições do Areópago, um dos últimos redutos oligárquicos (MARTIN, 2000, p. 110). Mas através de uma habilidade retórica notável, Péricles conseguiu eliminar todos os seus adversários políticos na assembleia e foi capaz de governar Atenas praticamente sozinho, sem grandes dificuldades para aplicar reformas mais profundas da maneira que quisesse.

---

<sup>3</sup> Não se sabe com certeza se Tucídides encerra abruptamente seu trabalho de forma intencional ou se isso é decorrência de sua morte. De qualquer forma, Xenofonte, historiador e discípulo de Sócrates, deu continuidade e relatou nas *Helênicas* os últimos anos da Guerra do Peloponeso, de 411 até 403. Sobre Xenofonte, ver MEISTER, 2008, pp. 78-85.

<sup>4</sup> Como não havia registros dos discursos, Tucídides apresenta as falas, como ele mesmo admite, de acordo com aquilo que ele julgava ser o mais coerente para ser falado naquele momento (1.22). Sobre o método tucidiano, ver ROOD, 2006, pp. 225-250. Sobre discursos em Tucídides, ver MORRISON, 2006, pp. 251-277.

A partir desse momento, Atenas entra na sua fase de maior prosperidade e influência sobre outras cidades. Fase esta que acabou levando o nome do legislador responsável por ela: a Era de Péricles. A centralidade que Atenas adquire no mundo grego em decorrência de sua crescente hegemonia ocasionou para ela um grande aumento populacional também, sobretudo por meio da chegada de estrangeiros – os *metoikoi* – que buscavam melhores oportunidades. Com isso, passou a ser necessário que houvesse definição legal de quem teria direito ou não de fazer parte das decisões democráticas em Atenas. É, ao menos em parte, visando solucionar este problema que Péricles decretou, em 451, que somente aquele cujo pai e mãe fossem atenienses poderia ser considerado cidadão ateniense e, portanto, hábil a participar das decisões da cidade.

Por um lado, é claro que esta mudança passou a limitar consideravelmente a quantia de cidadãos em relação ao total de habitantes que viviam em Atenas, levando em conta o elevado número de estrangeiros; mas por outro lado, todos os atenienses, independentemente de sua riqueza ou posição social, tinha participação direta, sem diferença de peso ou influência, na sua democracia<sup>5</sup>, tanto na assembleia, quanto na ocupação de cargos públicos. Além disso, como forma de possibilitar que os mais pobres pudessem ocupar seus tempos com os assuntos políticos, Péricles determinou a criação da inédita prática da *misthophoria*, isto é, o pagamento ao cidadão pelos serviços públicos prestados.

Como dito anteriormente, há a hipótese de que os novos critérios para a concessão de cidadania ateniense representassem uma tentativa de solucionar o problema gerado pelo grande fluxo migratório na cidade (MOSSÉ, 1971, p. 50). Entretanto, outras interpretações sugerem que tal medida visava forjar uma responsabilidade cívica entre todos os atenienses, necessária para se sustentar o poderio do império (FINLEY, 1963, p. 70). Ou ainda, ela seria reflexo do notório aumento da importância do papel da população mais pobre no império ateniense, uma vez que eram eles na maioria das vezes os que compunham a principal fonte do poder militar em Atenas: a marinha (MARTIN, 2000, p. 109). De qualquer maneira, todas essas mudanças somadas à prosperidade econômica que Atenas experimentava – fruto do domínio comercial e da apropriação do tesouro da Liga de Delos – deixam claro que a cidade passou por um relativo equilíbrio social durante a Era de Péricles, o que naturalmente proporcionou melhores condições para haver nela estabilidade em todos os aspectos.

Vale ressaltar, por fim, a ligação entre a hegemonia ateniense no mundo grego e o seu domínio dos mares. De fato, o império não teria sido possível sem a superioridade

---

<sup>5</sup> Refere-se aqui apenas à população masculina. Embora as mulheres tenham obtido o status de “cidadãs atenienses”, ainda assim eram proibidas de participar dos assuntos políticos da cidade (MARTIN, 2000, p. 114).

marítima de Atenas. Tal superioridade teve início nas Guerras Médicas, a partir da necessidade de se vencer um exército numericamente muito superior. O comandante e arconte Temístocles foi responsável por propor e convencer a assembleia ateniense de que era necessário investir os recursos da cidade – recursos que haviam sido recentemente ampliados graças à descoberta de novas minas de prata na região – na construção de uma frota poderosa o suficiente para defendê-los dos persas que avançavam cada vez mais em direção à Ática (MARTIN, 2000, p. 104).

Finalmente, a frota idealizada por Temístocles foi capaz de vencer as forças navais persas na decisiva batalha de Salamina. A partir desse momento, a marinha e o combate naval passam a ser a prioridade militar em Atenas, algo bastante inédito e diferente da tradicional batalha *hoplítica*, especialidade dos espartanos. Porém, o domínio dos mares não ocorreu apenas no sentido militar. Atenas sempre foi muito dependente da importação de alimentos e outros recursos que a cidade necessitava, e, por causa de sua hegemonia, esta prática tornou-se muito mais facilitada, uma vez que o porto do Pireu passou a ser o centro comercial de toda a Grécia e talvez o mais importante. Atenas naquele momento reunia condições de impor suas medidas, pesos e moedas aos seus subordinados e parceiros comerciais (MOSSÉ, 1971, p. 52). Afinal, era pelo mar que os atenienses marcavam presença sobre seus aliados, fiscalizavam suas ações e cobravam-lhes os tributos.

## 1.2 A guerra

É evidente que os dois grandes protagonistas da guerra que se iniciou em 431 são Atenas e Esparta, mas o que provocou este grande conflito partiu primeiramente da soma de problemas menores referentes às cidades aliadas de ambas as partes (KAGAN, 2006, pp. 53-69; MARTIN, 2000, p. 153). A primeira tensão surgiu em torno de Córquira, uma ilha que no passado havia sido colonizada por coríntios, os principais aliados de Esparta. Os corcíreus desejavam se livrar das obrigações comerciais que tinham com Corinto e, para isso, contavam com a ajuda de Atenas. Os coríntios, por outro lado, não aceitavam que os atenienses intervissem nos seus assuntos e pressionaram Esparta para que colocasse fim nisso. Em outro momento, os espartanos também interferiram nos assuntos do império ateniense quando a cidade aliada da Potidea decidiu se rebelar e solicitou o auxílio dos lacedemônios. Por fim, as sanções econômicas impostas pelos atenienses à cidade vizinha de Mégara, aliada dos espartanos, levou as hostilidades entre as duas forças a tal ponto que desencadearia a Guerra do Peloponeso. Em suma, as causas do conflito giram em torno da ambição, tanto de Atenas

quanto de Esparta, por maior poder e do medo da interferência um do outro em sua autonomia e liberdade (MARTIN, 2000, p. 150).

Uma vez que a guerra foi deflagrada, era necessário que os atenienses seguissem uma estratégia que lhes permitisse resistir aos ataques inimigos, causar-lhes danos suficientes para forçar a rendição e ao mesmo tempo preservar a unidade do império. A tática adotada foi aquela proposta por Péricles. No momento em que se iniciou a guerra, os atenienses haviam já revitalizado consideravelmente sua cidade graças à apropriação do tesouro acumulado pela Liga de Delos, conseguindo recuperar tudo o que havia sido destruído pelos persas durante as Guerras Médicas e construindo na Acrópole luxuosos templos em honra aos deuses, incluindo o famoso Parthenon, o templo de Atena. Mas, mais importante do que isso, os recursos possibilitaram a construção das longas muralhas que cercavam toda a cidade e desciam até o Pireu, de tal maneira que uma invasão à *polis*, tal como os persas haviam feito no passado, ou um bloqueio que impedisse a entrada de recursos pelo porto, era algo praticamente impossível de se empreender.

Contando com essa vantagem, a estratégia de Péricles consistia em evacuar toda a população do campo – ou seja, a maioria da população ateniense – para dentro das muralhas e evitar ao máximo o combate em campo aberto, onde os espartanos eram superiores. Assim, enquanto o exército inimigo devastava em vão as plantações, os atenienses seriam capazes de resistir com a entrada pelo Pireu de alimentos e tributos de seus aliados, ao mesmo tempo em que tirariam proveito de sua superioridade naval para enviar expedições por toda a costa do Peloponeso e, assim, atacar as forças inimigas onde não pudessem oferecer resistência.

Tucídides tomou o plano de Péricles como o mais adequado para a situação e disse que Atenas não teria sido levada à ruína não fossem as adversidades e o fato de os atenienses terem se mostrado muito ambiciosos. Se, ao invés disso, tivessem seguido a determinação de seu principal orador de preservar a unidade do império, o resultado da guerra poderia ter sido outro (2.65). É claro que esta afirmação pode ser contestada, como foi por Cawkwell e Kagan. Entre outros argumentos, ambos afirmam que, considerando o objetivo de Péricles de dissuadir o inimigo a desistir da guerra, sua estratégia não era muito eficaz para este propósito, já que ela era pouco penosa aos espartanos em curto prazo e não lhes causava impacto psicológico (CAWKWELL, 1997, p. 40; KAGAN, 2006, p. 84). Aliás, Tucídides não escondeu ter sido um grande admirador de Péricles e admitiu que “Atenas, embora fosse no nome uma democracia, de fato veio a ser governada pelo primeiro de seus homens” (ἐγίγνετό τε λόγῳ μὲν δημοκρατία, ἔργῳ δὲ ὑπὸ τοῦ πρώτου ἀνδρὸς ἀρχή) (2.65).

Péricles utilizou de sua excelente retórica para persuadir os atenienses na Assembleia de que sua estratégia era eficaz, mas isso não aconteceu sem muita relutância por boa parte da população, sobretudo aquela maioria que vivia no campo e se recusava a ter que abandonar suas terras e propriedades onde muitos deles haviam passado toda a sua vida. Quando os ataques iniciaram e os atenienses passivamente observaram suas terras serem incendiadas pelos espartanos, foi com muito custo que Péricles os convenceu a permanecer dentro das muralhas, especialmente os mais jovens que ansiavam a se engajar no combate (2.21). É válido também levar em consideração a tradição bélica grega que valorizava ao máximo o heroísmo e os atos de bravura. Este era um plano fortemente defensivo, portanto, visto como prática covarde e desonrosa tanto pelo inimigo quanto por muitos dos cidadãos (KAGAN, 2006, p. 83).

A oração fúnebre de Péricles proferida em homenagem aos atenienses mortos em combate no primeiro ano da guerra é de grande importância, pois nela consta praticamente todo o discurso ideológico sobre o império ateniense de forma organizada. Primeiramente, Péricles relembra os atenienses sobre os seus ancestrais e o sofrimento que estes passaram para que as próximas gerações pudessem desfrutar de um império forte e “autossuficiente na paz e na guerra” (καὶ ἐς πόλεμον καὶ ἐς εἰρήνην αὐταρκεστάτην) (2.36). Em seguida, ressalta a democracia de Atenas, levando em conta a igualdade e a liberdade que ela proporcionava aos seus cidadãos, independentemente de sua posição social (2.37). Embora Péricles enalteça várias características de Atenas e de seus cidadãos, aquilo que mais se observa durante todo o discurso é a ênfase na vida em comunidade e dedicação dos atenienses aos assuntos públicos acima dos interesses individuais. O objetivo do orador é convencer os cidadãos já cansados da guerra de que ela e o esforço de todos eram justificáveis (KAGAN, 2006, p. 105). Sobre os riscos da guerra, Péricles diz:

οὐ γὰρ οἱ κακοπραγοῦντες δικαιότερον ἀφειδοῖεν ἂν τοῦ βίου, οἷς ἐλπίς οὐκ ἔστιν ἀγαθοῦ, ἀλλ' οἷς ἡ ἐναντία μεταβολὴ ἐν τῷ ζῆν ἔτι κινδυνεύεται καὶ ἐν οἷς μάλιστα μεγάλα τὰ διαφέροντα, ἢν τι πταίσωσιν. ἀλγεινότερα γὰρ ἀνδρὶ γε φρόνημα ἔχοντι ἢ μετὰ τοῦ [ἐν τῷ] μαλακισθῆναι κάκωσις ἢ ὁ μετὰ ῥώμης καὶ κοινῆς ἐλπίδος ἅμα γιγνόμενος ἀναίσθητος θάνατος

Não são aqueles que estão em situação difícil que têm o melhor pretexto para descuidar-se da preservação da vida, pois eles não têm esperança de melhores dias, mas sim os que correm o risco, se continuarem a viver, de uma reviravolta da fortuna para pior, e aqueles para os quais faz mais diferença a ocorrência de uma desgraça; para o espírito dos homens, com efeito, a humilhação associada à covardia é mais amarga do que a morte quando chega despercebida em acirrada luta pelas esperanças de todos (2.43).



Para Péricles, todo o risco que se corre em nome da liberdade vale a pena, pois liberdade é felicidade. Portanto, a guerra não só não é prejudicial como também é desejável, e aqueles que morreram nela merecem a glória, pois deram suas vidas pela garantia de felicidade de seus concidadãos. O discurso relatado por Tucídides mostra que a busca por prestígio e liberdade é a razão do avanço imperialista ateniense e o motivo pelo qual a cidade se lançou em um conflito tão intenso contra Esparta (BOWRA, 1971, p. 110; RAAFLAUB, 2007, p. 113).

Mesmo com o prejuízo no campo e o abalo moral por ele causado na população ateniense, a estratégia de Péricles vinha se mostrando de fato eficaz à sua maneira, pois ao mesmo tempo em que os navios atenienses minavam gradualmente as forças dos peloponésios, os espartanos não conseguiam empreender expedições muito duradouras que pudessem realmente forçar uma mudança nos planos de Atenas. Entretanto, a concentração excessiva de pessoas em condições precárias dentro da cidade gerou um problema que ninguém pôde prever. Estima-se que a peste que devastou Atenas em 430 tenha eliminado em torno de um terço da população, inclusive o próprio Péricles (KAGAN, 2006, p. 111). A descrição dos detalhes feita por Tucídides sobre os sintomas da doença<sup>6</sup> e as consequências que ela gerou para a cidade é de uma riqueza ímpar, até mesmo porque ele a contraiu e conseguiu sobreviver. Mais do que uma grande mortandade, a epidemia causou graves efeitos psicológicos, já que autoconfiança dos atenienses foi posta em xeque (não seria tamanha desgraça um castigo dos deuses?). Além disso, gerou mudanças políticas, derrubando o principal e mais habilidoso líder em Atenas e dando espaço para a ascensão de novas personalidades e novas perspectivas sobre a guerra e o império (MARTIN, 2000, p. 154).

Ao mesmo tempo em que Atenas ainda sofria as mazelas causadas pela peste, alguns de seus subordinados começavam a desertar. Dentre as várias rebeliões que ocorreram contra o império durante toda a Guerra do Peloponeso, a revolta dos habitantes da ilha de Lesbos, ocorrida em 428/427, é a mais importante e emblemática, pois os acontecimentos em torno desse episódio marcam uma clara mudança nos rumos do império ateniense. Os lésbios juntamente com os quianos eram os únicos aliados que não pagavam tributos, mas ao invés disso lutavam lado a lado com os atenienses usando seus próprios navios e, portanto, representavam uma força militar essencial para o império. Perder o apoio de Lesbos significava não só perder boa parte desta força, mas também favorecer o aumento do poderio

---

<sup>6</sup> Não se sabe exatamente que doença é, mas a descrição de Tucídides sobre os sintomas levam a crer que se trata de febre tifoide, sarampo, ou alguma outra enfermidade semelhante (KAGAN, 2006, p. 111).

inimigo, já que Esparta se prontificou a auxiliar a revolta assim que isso lhes foi requisitado (3.15). Ademais, uma revolta bem-sucedida certamente faria com que outras cidades tentassem o mesmo.

Diante desse cenário, os atenienses enviaram uma expedição de quarenta navios e realizaram um cerco a Mitilene, principal cidade da ilha. Em pouco tempo, a superioridade militar de Atenas se mostrou eficaz e forçou a rendição dos mitilenos antes mesmo que a ajuda espartana pudesse chegar. Cabia agora à assembleia ateniense decidir o que fazer com os revoltosos rendidos. Em um momento inicial de ira, os atenienses definiram que os mitilenos deveriam ser executados e suas mulheres e crianças escravizadas, mas logo depois a decisão voltou a ser discutida e o tema acabou fornecendo o interessante debate entre Diódoto e Cleon.

No passado, Cleon era um dos únicos adversários políticos que Péricles ainda tinha. Foi ele o responsável por convencer os atenienses a estabelecer uma multa a Péricles por má administração pública devido aos problemas que surgiram na cidade – sobretudo a peste – por conta de sua estratégia de guerra (PLUTARCO. *Péricles* 35). Após a morte de Péricles, Cleon aos poucos se consolidou como principal liderança política em Atenas. Tucídides caracteriza Cleon diametralmente oposto a Péricles, portanto não é simpático a ele, assim como não são vários outros autores antigos, a exemplo de Plutarco, que o menciona em suas biografias, e principalmente Aristófanes, que o tem como um dos alvos de escárnio preferidos em suas comédias. Tucídides o via como um homem bruto, demagogo, “o mais violento dos cidadãos” (βιαιότατος τῶν πολιτῶν) (3.36), logo era a favor de uma guerra total contra os inimigos, tendo defendido no debate a eliminação completa dos mitilenos.

Por outro lado, Diódoto argumentou em seu discurso que uma demonstração de clemência por parte de Atenas atrairia as massas de outras cidades aliadas e assim evitaria novas revoltas de grupos minoritários. Após isso, os atenienses decidiram, por uma margem muito pequena, voltar atrás na decisão anterior, salvando os mitilenos e executando apenas os líderes da insurreição. Mas ainda assim Cleon conseguiu fazer com que as terras em Mitilene fossem divididas e distribuídas entre colonos atenienses, e os lébios puderam utilizá-las mediante pagamento.

Embora a discussão sobre o destino dos mitilenos seja um episódio pontual na guerra, ela evidencia uma mudança no imperialismo ateniense que vai se estender até os últimos anos do conflito. Além disso, fica cada vez mais clara a disputa política que permeia as ações de ambos os lados. Como disse de modo sintético Mossé: “De um lado, Atenas – para a qual se voltam as massas populares de todas as cidades; do outro, Esparta – esteio de

todas as oligarquias” (MOSSÉ, 1971, p. 69). Isto fica claro, por exemplo, quando Cleon afirma em seu discurso que vê a democracia como regime político inadequado para um império (3.37). Assim, as regiões da Ática e do Peloponeso aos poucos deixaram de ser o centro dos acontecimentos e as batalhas passaram a ser levadas para outras regiões, muitas vezes por meio de apoio, tanto de Atenas quanto de Esparta, dado às facções locais que desejavam estabelecer em suas cidades um regime de seu interesse, seja popular ou oligárquico<sup>7</sup>.

A guerra por sua vez tornou-se mais intensa, e a única forma aceitável de pôr fim a ela era eliminando totalmente o inimigo, tanto que os atenienses, convencidos por Cleon, recusaram o tratado de paz que Esparta propôs após uma importante conquista de Atenas em Pilos (4.21). Somente depois de muito desgaste de ambos os lados e com a morte de Cleon e do rei espartano Brásidas na batalha de Anfípolis é que os defensores de um acordo obtiveram espaço e por fim concluíram em 421 a paz e uma aliança entre Atenas e Esparta, que deveria durar cinquenta anos. Entretanto, a fragilidade do tratado e a desconfiança mútua logo fizeram com que em menos de seis anos as hostilidades fossem retomadas e figuras políticas adeptas do imperialismo agressivo – como o jovem Alcibíades – ganhassem força novamente na assembleia.

Os discursos em Tucídides deixam evidente que o imperialismo ateniense se transformou diversas vezes no decorrer dos anos e que isso resulta de uma combinação de fatores relativos aos rumos da Guerra do Peloponeso e de forças políticas opositoras dentro de sua democracia. Entretanto, o fato de tais discursos não tratarem daquilo que os seus oradores realmente disseram, mas sim aquilo que Tucídides acreditava que deveria ser mais propício a ser dito na ocasião, levanta sérios debates sobre a real proximidade entre o que o historiador diz ser o império e o que realmente era o império. Sendo assim, faz-se necessário o uso de outras fontes que possam colaborar no objetivo de construir uma imagem mais fiel do império ateniense e de seu imperialismo. Nesse caso, este trabalho se apoia na historiografia clássica, mas também na tragédia grega, visto que se trata de uma expressão cultural intimamente ligada à política ateniense.

---

<sup>7</sup> Serve como exemplo disto a rebelião na Córira que eclode em 427.

## CAPÍTULO 2

### SITUANDO A TRAGÉDIA GREGA: EURÍPIDES E AS *SUPLICANTES*

#### 2.1 A tragédia grega

Inicialmente, deve-se dizer que o teatro para os gregos possuía funções que iam muito além do simples entretenimento. Além do lazer fornecido aos espectadores, as apresentações teatrais tinham importantes atribuições religiosas, propósitos educativos e, talvez o mais importante, eram intensamente utilizadas como instrumento político, principalmente ao longo do Império Ateniense (CARTLEDGE, 1997, p. 6). A tragédia é sem dúvidas o gênero mais importante nessa fase, sendo que a comédia só passa a ter mais destaque a partir das peças de Aristófanes (c.425).

Apesar de sua importância, pouquíssimas fontes que tratam do assunto sobreviveram ao tempo. A mais relevante de todas é a *Poética* de Aristóteles, um dos muitos trabalhos do filósofo que apresentam informações de grande valor, mas que devem ser sempre analisadas em suas especificidades. Além de Aristóteles, as próprias tragédias que foram transcritas e que nos chegaram permitem a observação de algumas de suas características comuns.

Apresento aqui, com base nas fontes e nos estudos a respeito do tema, três das principais características gerais que podem situar melhor a tragédia grega. Em primeiro lugar, o enredo de uma tragédia normalmente é inspirado nas histórias míticas do passado grego mais remoto e normalmente bastante conhecidas pelos espectadores (SCODEL, 2011, p. 3), como a Guerra de Troia, os trabalhos de Hércules, os contos sobre Édipo, etc. Mas, diferente das epopeias, a tragédia abrange apenas curtos episódios que ocorrem durante esses mitos ou imediatamente após eles. Por exemplo, *Édipo Rei* de Sófocles é a primeira obra de sua mais famosa trilogia e se inicia em um cenário em que Édipo já teria assassinado seu pai, casado com sua mãe e se consolidado como rei de Tebas. Da mesma forma, *Helena* de Eurípides narra os problemas e as revelações que Menelau encontra em sua viagem de volta para Esparta, logo depois dos acontecimentos da Guerra de Troia.

Em segundo lugar, as tragédias que conhecemos foram encenadas nas Dionisiacas, festivais religiosos organizados anualmente pelos atenienses em honra de Dioniso e que eram abertos a todos os helenos. Esta informação ajuda a compreender o porquê de as tragédias abordarem com tanta frequência temas que tratam de práticas e costumes religiosos, além de normalmente representarem os deuses tão próximos da vida dos homens (SCODEL, 2011, p. 5).

É recorrente, por exemplo, os autores das tragédias fazerem uso do *deus ex machina*<sup>8</sup> para colocar uma conclusão abrupta e definitiva na trama.

Em terceiro lugar, a tragédia era elaborada por um tragediógrafo e a sua encenação era composta por até três atores, todos do sexo masculino, que assumiam o papel de diversos personagens por meio do uso de máscaras. As falas dos atores eram feitas em versos que podiam ser recitados ou cantados. Também havia um coro de doze ou quinze pessoas que cantavam e dançavam com o acompanhamento de música (SCODEL, 2011, p. 3). O coro fazia parte da narrativa e interagia com os atores, fosse assumindo o papel de sacerdotes de um templo, cidadãos de uma cidade, suplicantes, etc. A contratação dos atores era custeada com o tesouro da cidade; a contratação do coro, por indivíduos ricos que desejavam ter uma boa imagem perante a população e, conseqüentemente, ascender na carreira política, sendo chamados de coregos. Por outro lado, todos os integrantes da peça deveriam ser cidadãos e eram isentos do serviço militar durante a sua preparação (TORRANO, 2009, p. 19). Esses são aspectos que só reforçam a ideia do caráter altamente político que os festivais e as competições de teatro possuíam.

A origem do teatro grego ainda gera muitas dúvidas, mostrando-se assunto pouco consensual. Aristóteles (*Poética* 3. 1448a) diz que os dórios reivindicam para si a invenção da tragédia e da comédia, porém não temos evidência alguma que possa comprovar isso e nem mesmo ele parecia acreditar nessa ideia. O filósofo não diz quando a tragédia surgiu, limitando-se a afirmar que o desejo de imitação é instintivo ao homem e que, portanto, a tragédia nasce de um processo natural e inevitável; nesse caso, para ele, surge a partir de uma adaptação dos ditirambos<sup>9</sup> (*Poética* 4, 1448b). Aristóteles é bastante vago e não apresenta evidências quando faz alusão às origens do teatro grego; além disso, vale ressaltar que, apesar de bem próximo ao tema que abordou, ele não é seu contemporâneo (viveu de 384 a 322) e, portanto, suas afirmações devem ser avaliadas com muito cuidado. Scodel diz que é um erro ver Aristóteles e sua obra como uma autoridade no tema (2011, p. 7).

Atualmente é quase consenso entre os estudiosos que a tragédia começa a tomar forma em algum momento do século VI, porém o debate de como isso ocorreu é algo que ainda está longe de terminar. Existem várias fontes tardias que falam de certo Téspis como sendo o primeiro a realizar uma performance que fosse constituída de um ator que

---

<sup>8</sup> Artífício muito utilizado na tragédia grega, onde normalmente uma divindade surge do céu para dar um desenlace final à trama (SCODEL, 2011, p. 48). A expressão vem do latim e significa “deus vindo da máquina”.

<sup>9</sup> O ditirambo é um canto coral composto por 50 homens podendo conter um corifeu, ou “líder” do coro, que se vestia de sátiro e cantava hinos em honra de Dioniso. Os ditirambos também faziam parte das apresentações artísticas dos festivais, embora se saiba muito pouco sobre eles. (DAMEN, 2012c)

representava um personagem junto com um coral que interagira com o protagonista. Téspis seria, assim, o criador da tragédia. Entretanto, quase nada se sabe sobre esse homem, exceto que era de Icária, na Ática, e que em 534 teria sido o vencedor da primeira competição registrada de tragédias realizada em Atenas (CARTLEDGE, 1997, p. 22; SCODEL, 2011, pp. 33-35). Apesar de as evidências indicarem que a existência de Téspis parece de fato algo plausível, atribuir a invenção da tragédia a um único homem soa mais como uma simplificação tardia de um processo que provavelmente teria sido muito mais lento e complexo.

Outro tópico que gera debates quanto à origem da tragédia é a etimologia da palavra. O termo em grego para tragédia é τραγωδία e só pode ser traduzido literalmente como “canto dos bodes” (τράγος– “bode”, ᾠδή– “canto”). Os debates surgem porque não se consegue encontrar uma resposta definitiva para a relação entre as apresentações teatrais e o animal em questão. Há várias hipóteses que tratam o bode como premiação dada inicialmente ao dramaturgo vencedor, como animal comumente sacrificado a Dioniso, ou ainda como referência àqueles que veneravam a divindade; nenhuma delas, no entanto, passa de especulação (DAMEN, 2012c).

Contudo, a principal discussão acerca das origens da tragédia gira em torno de seu propósito inicial. Há um interminável debate travado entre aqueles que acreditam que as competições de teatro foram criadas durante o governo do tirano Pisístrato com fins puramente religiosos e aqueles que dizem que as tragédias apresentadas nos primeiros festivais foram criadas já sob a democracia ateniense e que estavam, portanto, desde o início profundamente relacionadas a ela (CARTLEDGE, 1997, p. 22; SCODEL, 2011, p. 41). Porém, Scodel é perspicaz ao ressaltar que, com as informações que temos à disposição, é totalmente possível que qualquer uma das duas hipóteses seja verdadeira. Além disso, é também possível que o resultado tenha sido uma espécie de junção das duas hipóteses, ou seja, as competições poderiam ter sido criadas visando tanto o lado político quanto o lado social ou religioso, tendo uma característica ou outra mais evidente de acordo com o tempo e o contexto histórico (SCODEL, 2011, p. 33).

Das centenas de tragédias que foram escritas na Grécia Antiga, somente trinta e quatro delas nos chegaram integralmente, além de mais um grande número de fragmentos de outras. Não é por acaso que a grande parte dessas tragédias completas foi produzida e apresentada pela primeira vez durante os períodos de maior influência do império ateniense. O período de maior efervescência artística, não só teatral, coincide com o período mais próspero de Atenas; além do mais, como já foi visto, era dever do Estado fornecer tudo o que

fosse preciso para a realização das apresentações teatrais. Portanto, o teatro dependia de certa forma da prosperidade ateniense.

O mais interessante é que as trinta e quatro obras pertencem a apenas três autores (embora uma ou duas delas possam ter a autoria questionada): Ésquilo, Sófocles e Eurípides. Os três são incontestavelmente os três maiores tragediógrafos gregos e se tornaram famosos em suas épocas por boa parte do Mediterrâneo. Dentre eles, Ésquilo é o mais antigo, ao passo que Sófocles e Eurípides pertenciam praticamente à mesma geração, ainda que os três divergissem bastante no estilo de compor as tragédias.

Não se sabe muito sobre a vida deles. As fontes que temos a respeito são basicamente a compilação bizantina *Suda*<sup>10</sup>, as *Vidas* anônimas<sup>11</sup> e a inscrição *Marmor Parium*<sup>12</sup>. Ésquilo (c.525 – c.456) nasceu em Elêusis, cidade próxima a Atenas, e lutou nas decisivas batalhas de Maratona (490) e de Salamina (480), ocorridas durante as Guerras Médicas (SCODEL, 2011, p. 49). Por esse motivo, deve ter tido mais facilidade em conseguir popularidade entre os atenienses. Suas tragédias foram produzidas durante a nova fase em que a Grécia estava entrando graças à surpreendente vitória conquistada contra os persas. Agora, Atenas tornava-se aos poucos uma grande força hegemônica, e é talvez por isso que sua primeira tragédia seja também uma das mais peculiares. A tragédia *Os Persas* (472) não é a primeira escrita por Ésquilo, mas é a mais antiga de que se tem conhecimento; além disso, ela difere radicalmente das posteriores por ser a única a tratar um evento contemporâneo da peça e histórico de fato: as Guerras Médicas (DEBNAR, 2005, p. 7).

Somadas a esta tragédia, apenas sete das várias obras que Ésquilo compôs nos chegaram intactas. Dentre elas, três compõem a trilogia *Oresteia*, que lhe conferiu o primeiro lugar na Dionisíaca de 458, considerada por muitos como sua obra-prima. A *Oresteia* é composta pelas tragédias *Agamêmnon*, *Coéforas* e *Eumênides*. As narrativas giram em torno do matricídio cometido por Orestes, que teria se vingado do assassinato de Agamêmnon, levado a cabo por sua mãe e o amante. Ésquilo se destaca dos seus predecessores por inovar a forma como a tragédia era produzida. O poeta utilizou-se de vários recursos para transmitir a emoção aos espectadores da forma mais intensa possível (RIBEIRO JR., 1998a), tanto que muitas de suas modificações passaram a ser quase obrigatórias para as tragédias produzidas posteriormente, incluindo as de Sófocles e Eurípides.

<sup>10</sup> Enciclopédia do século X compilada por eruditos bizantinos. Possui 30.000 verbetes sobre diversos temas da cultura grega. Contém informações valiosas, porém pouco confiáveis. (RIBEIRO JR., 1998a)

<sup>11</sup> Conjunto de pequenas informações registradas em papiro sobre vários poetas, filósofos e outros eruditos gregos. Grande parte dessas informações possui caráter anedótico. (RIBEIRO JR. 2009)

<sup>12</sup> Inscrição grega em monólito encontrada na ilha de Paros. Contém as supostas datas de eventos históricos e mitológicos mais importantes. (SCODEL, 2011, pp. 33-34)

Sófocles (c.497 – c.406) é visto por muitos como um prodígio. Ganhou o primeiro lugar no festival contra Ésquilo logo na sua primeira participação em 468; após isso, acumulou tantas vitórias que ninguém, nem antes ou depois dele, foi capaz de superá-lo em número de vitórias obtidas. Também ocupou vários cargos públicos durante a sua vida, tendo sido designado estrategista e tesoureiro de Atenas, cargos considerados de alta responsabilidade e prestígio dentro do império ateniense. Graças a isso e às suas tragédias, Sófocles adquiriu excelente reputação em toda a Grécia (SCODEL, 2011, p. 50). A Trilogia Tebana é composta pelas suas três obras mais conhecidas – *Édipo Rei* (c.429); *Édipo em Colono* (401) e *Antígona* (c.441) – e é bastante emblemática para se observar o estilo do dramaturgo. Segundo Aristóteles, Sófocles foi supostamente o primeiro a incluir um terceiro ator nas peças (*Poética* 4, 1449a), o que ao mesmo tempo diminuiria um pouco a importância do coro e garantiria mais ação às cenas. Ademais, enquanto Ésquilo aborda temas relacionados aos costumes gregos com certo moralismo, Sófocles prefere tratar de questões muito mais intensas, como o suicídio, o incesto, o homicídio culposo, etc.; além de possuir uma curiosa habilidade de transformar personagens míticos tradicionalmente vistos como maus em bons e vice-versa (RIBEIRO JR., 1998b). Tudo isso pode ser muito bem observado nas tragédias da Trilogia Tebana, mas também está presente em outras, como por exemplo *As Traquínias* (c.430) e *Electra* (c.410).

## 2.2 Eurípides

Ésquilo e Sófocles conquistaram o respeito dos atenienses e se tornaram personalidades ilustres e contribuíram com sua comunidade por meio das tragédias inovadoras e seus feitos na vida pública. São, de acordo com a ideologia imperial ateniense, excelentes exemplos de cidadãos pertencentes a uma democracia. O terceiro dos grandes tragediógrafos, no entanto, difere nesse aspecto de forma tão acentuada, se comparado aos outros dois, que acaba transformando o objetivo de interpretar sua vida e seu estilo de compor tragédias em uma tarefa extremamente complexa. Por exemplo, como se explica a contradição de Eurípides ter vencido a competição de tragédias apenas quatro vezes – Ésquilo ganhou treze vezes, Sófocles, dezoito no mínimo (GREGORY, 2005, p. 252) – ao mesmo tempo em que Aristóteles o considera “o mais trágico de todos os poetas” (*Poética* 15, 1453a)?

O fato é que Eurípides (c.480 – 406) não obteve o reconhecimento merecido em vida, causado provavelmente pelo ofuscamento da popularidade de Sófocles e pelo seu estilo pouco ortodoxo. Por outro lado, o século seguinte o aclamou como o mais genial de todos os



dramaturgos (GREGORY, 2005, p. 253), o que explica, em parte, a afirmação de Aristóteles. Não é por acaso que é Eurípides entre os três a possuir o maior número de obras conservadas – dezenove no total, sendo uma delas, *Reso*, há décadas considerada apócrifa (LESKY, 1995, p. 393). Embora os atenienses tivessem certa dificuldade para apreciar as peças de Eurípides, nem por isso ele deixou de ser uma figura muito conhecida entre os gregos. Há uma passagem muito curiosa na biografia de Plutarco sobre Nícias (estratego ateniense que liderou a desastrosa expedição à Sicília em 415 durante a Guerra do Peloponeso) que faz alusão a prisioneiros atenienses em Siracusa libertados após recitarem trechos de algumas tragédias de Eurípides, pois, segundo Plutarco, “os sicilianos gostavam da sua poesia mais do que quaisquer outros helenos.” (μάλιστα γὰρ ὥς ἔοικε τῶν ἐκτὸς Ἑλλήνων ἐπόθησαν αὐτοῦ τὴν μοῦσαν οἱ περὶ Σικελίαν) (*Nícias* 29).

É justamente por ter sido tão célebre que paradoxalmente se torna tão difícil traçar sua biografia de forma mais precisa, isto é, praticamente tudo o que se sabe sobre Eurípides vem de boatos inusitados que corriam entre os atenienses, informações caricaturais e anedotas, já que era o alvo preferido das comédias de Aristófanes e de outros comediógrafos. Esses dados caracterizam Eurípides de forma negativa, como um homem solitário que possuía disfunções sociais e marido de uma mulher infiel (SCODEL, 2011, p.51). Porém, por mais que tais afirmações não passassem de ridicularizações, Gregory aponta para o fato de vários estudiosos que se propuseram a analisar o dramaturgo e seu estilo, sobretudo durante o século XIX, terem escrito obras sérias que levam ao pé da letra tais informações e influenciam de maneira errônea o entendimento de suas tragédias (GREGORY, 2005, p. 251).

A carência de informações sobre a vida de Eurípides e os frequentes boatos criados a seu respeito podem revelar a natureza reservada do tragediógrafo. Com exceção das competições de tragédias de que participava, raramente fazia parte da vida pública ateniense. Ao contrário de Ésquilo e Sófocles, não chegou a ocupar nenhum cargo público e não lutou em nenhuma batalha pela *polis* (SCODEL, 2011, p. 51). A tradição também diz que Eurípides tinha o hábito de comprar livros e de lê-los sozinho, algo considerado bastante incomum na sociedade grega, uma vez que era costume que leituras de textos fossem feitas em comunidade e que adquirir textos era uma prática onerosa (MURRAY, 1913, pp. 28-29; DAMEN, 2012a). Dito isto, é fácil concluir que conhecer os detalhes da vida de Eurípides era uma tarefa complicada até mesmo em sua época. O resultado foi um número absurdo de boatos inventados para satisfazer a curiosidade das pessoas.

Uma dessas histórias inventadas dizia respeito à sua procedência familiar. Com efeito, várias comédias de Aristófanes retratam a mãe de Eurípides, Cleito, como uma

vendedora de hortaliças. Não se sabe muito bem o porquê de o comediógrafo insistir tanto nessa ideia; o que é certo é que Eurípides vinha de uma família renomada, quase tanto quanto à de Sófocles (GREGORY, 2005, p. 252). Portanto, não faria sentido que sua mãe ocupasse posição social tão humilde.

Quase todas as tragédias que estão na íntegra foram preservadas graças ao sistema de ensino bizantino do século II d.C.. As quatorze obras de Ésquilo e Sófocles em conjunto, somadas a outras dez de Eurípides, faziam parte de uma seleção de obras de leitura obrigatória nas escolas bizantinas (KOVACS, 2005, p. 387; DAMEN, 2012a). Portanto, assume-se que a reprodução dessas tragédias era feita com muito mais intensidade do que as outras centenas de trabalhos que os três tragediógrafos escreveram, por isso foram apenas elas que tiveram mais chances de sobreviver ao tempo. Entretanto, há também o que sobrou de uma coletânea de todas as obras completas de Eurípides, organizadas em ordem alfabética por um erudito bizantino chamado Demétrio Triclínio (GREGORY, 2005, p. 254). É por esse motivo que temos mais oito tragédias e uma peça satírica (*O Ciclope*) de sua autoria (agrupadas na categoria chamada convencionalmente de peças “alfabéticas”), além das outras dez que estão na seleção bizantina, incluídas nas chamadas peças “selecionadas”. A parte que foi recuperada dessa coletânea continha apenas as obras iniciadas em épsilon (E), eta (H), iota (I) e kapa (K); assim, as obras que compõem as alfabéticas são *Helena*, *Electra*, *Héracles*, *Os Heráclidas*, *As Suplicantes*, *Ifigênia em Áulis*, *Ifigênia em Táuris*, *Íon* e *O Ciclope*<sup>13</sup>.

As peças alfabéticas são de extrema importância para o entendimento da tragédia grega como um todo, pois elas são as únicas capazes de apresentar a larga extensão de formas e estilos que uma tragédia pode conter, ao passo que as peças selecionadas possuem apenas aquilo que os estudiosos bizantinos julgaram deliberadamente ser necessário mostrar sobre o gênero. É por causa dessas obras de Eurípides, portanto, que podemos concluir que a tragédia grega pode às vezes também compreender aspectos de drama romântico ou até levemente cômicos; pode abordar temas explicitamente políticos e que não necessariamente precisam ter um final trágico (GREGORY, 2005, p. 254).

De modo geral, as tragédias de Eurípides tendem a ser muito mais complexas se comparadas às obras dos outros dois grandes tragediógrafos. Até hoje há debates quanto a real intenção de Eurípides em dar certo desfecho a uma tragédia ou outra, ou então discussões sobre qual é a mensagem que ele tenta transmitir aos espectadores com determinada história apresentada. Suas obras costumam ser carregadas de reflexões profundas sobre o

<sup>13</sup> Em ordem alfabética, os títulos em grego seriam: Ἑλένη, Ἡλέκτρα, Ἡρακλῆς μαινόμενος, Ἡρακλεῖδαι, Ἰκέτιδες, Ἰφιγένεια ἐν Αὐλίδι, Ἰφιγένεια ἐν Ταύροις, Ἴων e Κύκλωψ

comportamento humano ao mesmo tempo em que há personagens completamente movidos pelos sentimentos e levados às decisões mais trágicas possíveis (LESKY, 1995, p. 390).

Em *Medeia* (431), por exemplo, Eurípides representa de maneira muito impactante o desejo insano da protagonista de se vingar de seu amado, Jasão, por todo o sofrimento que ele a fazia passar, levando-a a matar seus próprios filhos em prol desse objetivo. Porém, fica clara a intenção do dramaturgo de fazer com que o espectador entenda de uma maneira estranhamente racional o que se passa na mente de *Medeia* para que ela tivesse tomado tais atitudes. Essa característica comum às suas obras levou muitos estudiosos, até mesmo durante a Antiguidade, a procurar alguma possível relação entre Eurípides e os filósofos de sua época. Lesky, em seu clássico sobre a *História da literatura grega*, afirma convictamente que Eurípides tinha muita simpatia pelo sofisma<sup>14</sup> e que, embora não fosse discípulo direto dos filósofos desta escola, era empenhado em uma “incessante luta apaixonada por ela” (1995, p. 391). A afirmação do autor pode parecer um tanto radical, mas é difícil negar a semelhança entre a filosofia dos sofistas e o estilo do poeta. Por outro lado, a tradição diz que Sócrates era um grande admirador dos trabalhos de Eurípides e vice-versa, tanto que, supostamente, o filósofo só ia aos festivais quando houvesse alguma peça de Eurípides sendo apresentada (MURRAY, 1913, p. 29), embora não haja nada que possa comprovar uma relação direta entre os dois.

Outra particularidade das tragédias de Eurípides é o amplo uso de longos debates entre dois personagens (o chamado *agon*), onde cada personagem se utiliza da retórica para apresentar seus argumentos a outro da maneira mais convincente possível (GREGORY, 2005, p. 259). Disso, aliás, deriva a principal suspeita do envolvimento de Eurípides com os sofistas. O *agon* é tão presente em seus trabalhos que, por exemplo, a ausência desse recurso em *Reso* é o argumento central para se contestar a autoria de Eurípides (DAMEN, 2012a). A tragédia que está sendo observada neste trabalho de conclusão de curso, *As Suplicantes*, contem em seu enredo o *agon* entre Teseu e o arauto tebano como ponto crucial para o seu entendimento.

Eurípides, portanto, é um dos três mais importantes tragediógrafos, não só por ser autor de tragédias únicas que podem redefinir o entendimento sobre o gênero, mas também por ser um importante personagem do seu contexto histórico. Assume-se que a sociedade ateniense influenciou o pensamento de Eurípides, assim como o poeta também influenciou a sociedade de sua época com suas apresentações teatrais. Assim, é de suma importância que se

---

<sup>14</sup> Movimento filosófico ocorrido durante o período clássico ateniense. Os sofistas não acreditavam que existia o bem ou o mal e que isso dependia apenas da convicção humana. As facções mais conservadoras de Atenas acusavam esses pensadores de charlatanismo e ateísmo. Sócrates é tido como o grande opositor do sofisma. (DAMEN, 2012c)

conheça melhor a tragédia grega, o tragediógrafo e o seu estilo para que possa ser feito um trabalho historiográfico em cima de suas obras. Dito isto, passemos de modo mais específico ao tratamento de *As Suplicantes*.

### 2.3 *As Suplicantes*

*As Suplicantes* está entre algumas das obras de Eurípides em que não há consenso sobre o ano preciso em que foram encenadas pela primeira vez. Alguns autores acreditam que essa tragédia foi apresentada por volta de 424 (FERREIRA, 1985-1986; LESKY, 1995; ZUNTZ 1955), outros dizem ter sido em 423 (KOVACS, 1998) ou em 422 (MCLEISH, 2003), mas, como é possível notar, nenhum deles chega ao ponto de sugerir uma data anterior ou posterior à segunda metade dos anos 420. Isso acontece porque os eventos que ocorrem mais ou menos nesse período dizem muito sobre a possibilidade de Eurípides ter feito alusão a eles na tragédia. O drama trata de alguns temas morais, como os costumes fúnebres pan-helênicos, a *hubris* dos homens e o temor aos deuses, mas, em geral, é permeado por assuntos puramente políticos de tal maneira que *As Suplicantes* é elencada junto com *Os Heráclidas* e *Electra* como obras de Eurípides pertencentes ao grupo de “dramas políticos ou patrióticos” (GREGORY, 2005, p. 254).

A história encenada sucede a batalha entre os filhos de Édipo, Etéocles e Polinice, que disputaram o trono de Tebas, e cujo pai deixou vago após se exilar (este mito é a narrativa principal da tragédia de Ésquilo *Sete Contra Tebas*, de 467). Os dois irmãos concordaram previamente em se alternarem no poder a cada ano, mas Etéocles se recusou a conceder a vez de Polinice depois que o seu tempo tinha acabado e o expulsou da cidade. O irmão banido buscou refúgio em Argos, onde se aliou com o rei, Adrasto, e formou um poderoso exército para ser lançado contra as muralhas de Tebas, mesmo que isso representasse uma afronta à vontade dos deuses. Para liderar os soldados, Polinice e seis dos mais fortes guerreiros argivos foram colocados à frente, cada um responsável por atacar um portão das muralhas da cidade. Polinice e Etéocles acabam se encontrando durante a batalha e são mortos um pela espada do outro, assim como Édipo havia previsto em maldição aos dois antes de se exilar. No final, Tebas sai vitoriosa, enquanto Argos e o seu rei caem em desgraça por afrontarem os avisos do Oráculo. Num gesto de vingança, o tio de Etéocles e Polinice, Creonte, agora novo rei de Tebas, proíbe que os argivos recolham os corpos dos mortos em batalha.

*As Suplicantes* tem início logo após esses acontecimentos. Na cena inicial da peça está Etra de frente para o templo de Deméter em Elêusis; à sua volta está o coro, representado

pelas mãos e os filhos dos sete heróis de Argos que morreram lutando nos portões de Tebas; Adrasto também está junto deles. As mulheres suplicam à Etra para que intercedesse por elas e que convencesse seu filho e rei de Atenas, Teseu, a ajudá-las a recuperar os corpos de seus filhos. Teseu entra e se depara com a cena; Adrasto suplica auxílio, dizendo que somente Atenas e seu líder eram capazes de fazer este trabalho (vv. 187-192). Mas o rei ateniense se recusa a colaborar e considera que não é dever dele e de sua cidade se arriscar por erros cometidos por um rei imprudente (vv. 216-219). Na tentativa de convencê-lo, sua mãe argumenta que é uma atitude honrosa ir ao auxílio dos mais fracos e punir aqueles que infringem os costumes; e complementa a ideia dizendo que “cidades que se mantêm acomodadas e não realizam atos de grandeza não terão a glória ao seu alcance, apenas cautela” (αἱ δ' ἥσυχοι σκοτεινὰ πράσσουσιν πόλεις σκοτεινὰ καὶ βλέπουσιν εὐλαβούμεναι) (vv. 324-325). Convencido, Teseu decide que irá ajudar, mas só depois do povo ateniense concordar com a sua decisão.

A segunda cena já se inicia com Teseu se preparando para ir a Tebas. Sua intenção é persuadir Creonte a liberar os corpos, o que estaria disposto a levar a cabo pela força bruta, caso ele não cumprisse o exigido. Um arauto aparece em nome do rei de Tebas e pergunta: “quem é o tirano que governa esta terra?” (τίς γῆς τύραννος;) (v. 399). Teseu responde que Atenas não era comandada por um único homem, mas, ao contrário, era livre e todos os seus cidadãos tinham direitos iguais (vv. 404-408). A partir daí, desenrola-se um dos debates (*agones*) mais extensos já presente nas obras de Eurípides: de um lado, o arauto tebano apresenta os problemas que existem em uma cidade onde há democracia; do outro, Teseu responde à altura mostrando porque a democracia é o melhor modelo político e porque a tirania era nociva ao estado de *eunomia*. Ao ler esta longa passagem, pode-se ter a impressão de ser uma cena bastante tediosa. Mas ao se considerar o contexto histórico em que a tragédia foi encenada, somado aos elementos visuais que só uma apresentação teatral é capaz de fornecer, esta cena se tornava o ponto máximo da história e provavelmente uma das cenas mais empolgantes das tragédias de Eurípides.

Ciente de que Creonte não devolveria os corpos, Teseu ordena o ataque a Tebas. Então, um mensageiro entra em cena e passa a narrar aos espectadores o que aconteceu durante a batalha: o exército ateniense saiu vitorioso graças às habilidades de seu líder que, assim que conseguiu recuperar os corpos dos heróis argivos e dos outros soldados, ordenou que não fosse causado nenhum outro mal aos cidadãos tebanos (vv. 721-730). Os corpos são recebidos com lamentos do coro, que segue em procissão até o local em que ocorrerá o ritual de cremação. Lá, Adrasto profere uma oração fúnebre em honra aos heróis, prática comum

aos atenienses em tempos de guerra (KOVACS, 1998). Capaneu, um dos generais argivos, por ter sido fulminado por um raio de Zeus durante a batalha ao proferir blasfêmias contra os deuses, é levado a uma pira especial.

Daí em diante a tragédia segue para o seu final. Evadne, viúva de Capaneu, surge no alto do cenário e, movida pela loucura, diz que vai se jogar à pira para se juntar ao marido; o pai, Ífis, observa sua própria filha se atirando às chamas e lamenta ter perdido seus dois filhos pela guerra, já que seu outro filho era um dos heróis mortos em batalha. Depois, enquanto os filhos seguram as cinzas de seus pais, Teseu pede para que Adrasto e os argivos jamais se esqueçam da dívida que eles tinham com os atenienses a partir daquele momento (vv. 1165-1175). Por fim, Atena surge como *deus ex machina* para fazer com que o rei de Argos jurasse solenemente que ele os argivos fossem eternos aliados dos atenienses e que os ajudariam sempre que precisassem (vv. 1183-1195).

Este breve resumo de *As Suplicantes* contém uma seleção de trechos mais relevantes de modo que ela possa ser usada como base para as análises do próximo capítulo. Espera-se, ainda, que esteja cumprido o propósito de mostrar da melhor maneira possível como a tragédia grega nasceu e se desenvolveu até Eurípides, tornando-se instituição vital da democracia. Também é importante que os três grandes tragediógrafos – especialmente Eurípides – e seus legados estejam satisfatoriamente apresentados. Assim será possível compreender melhor a estreita relação entre o teatro grego e o império ateniense e como um ajudou a construir o outro.

## CAPÍTULO 3

### O IMPERIALISMO NA ORAÇÃO FÚNEBRE E NA TRAGÉDIA

#### 3.1 Tragédia e política

Plutarco, em um dos tratados de suas *Obras Morais* (*Moralia*) sobre se Atenas foi famosa pela guerra ou pela sabedoria, afirma que, comparado aos grandes feitos de homens como Temístocles e Péricles, o trabalho dos poetas trágicos não passava de “passatempo infantil” (παιδιὰ τὰ τῶν ποιητῶν) (350B). Sem dúvida que Atenas jamais teria se tornado uma potência não fosse a ação de várias de suas personalidades políticas e militares, mas não teriam também as tragédias e seus compositores um papel importante nas relações entre a política e a sociedade ateniense?

O debate sobre os propósitos da tragédia grega e dos festivais religiosos é provavelmente um dos pontos mais controversos na historiografia especializada e encontra uma grande diversidade de opiniões, mostrando-se um assunto ainda longe de se encerrar. É oportuno apresentar aqui o posicionamento de alguns autores e criticar suas principais ideias acerca do tema.

Estudiosos mais antigos, como Zuntz, no livro *The political plays of Euripides* (1955), e Lesky, na *História da literatura grega* (1957, tradução de 1995), aparentemente tendem a resistir à ideia de que as tragédias fazem alusões à eventos e figuras-chave da política contemporânea a elas; consequentemente, portanto, entendem que o teatro não possui relação com a política ateniense. Os argumentos que ambos apresentam para isso são bastante incompletos e não se sustentam, como no caso da afirmação de que não se deve procurar por alusões políticas óbvias em nome do “respeito pela obra de arte” (LESKY, 1995, p. 394), ou então que *As Suplicantes* não é uma alegoria, mas sim apenas uma “reformulação contida de um mito ático” (ZUNTZ, 1955, p. 5). Ainda assim, curiosamente os dois autores por várias vezes se contradizem fazendo exatamente aquilo que estão criticando. Por exemplo, Lesky diz que Eurípides em *As Troianas* representou as calamidades da guerra em um momento em que Atenas sofria graves baixas em decorrência da Guerra do Peloponeso, como na expedição à Sicília (1995, p. 412). Também admite que reconhece os “inegáveis traços” de Péricles que influenciaram Eurípides na construção da imagem de Teseu em *As Suplicantes* (1995, p. 408).

Trabalhos mais recentes sobre o assunto apresentam opiniões bem mais variadas, mas poucos ou nenhum autor ainda defende que não houve alusões a eventos ou impressão de valores contemporâneos nas tragédias. Ainda assim, historiadores como Rhodes (2003) e

Griffin (2009) não acreditam na existência de relações entre as tragédias e as instituições políticas atenienses.

A crítica que Rhodes faz a essa linha de pensamento é que ela considera que as tragédias tratam de temas essencialmente relacionados à democracia sendo que, na verdade, estão mais preocupadas com questões que remetem à *polis* em geral (2003, p. 113). Assim, considerando que haviam vários outros festivais por toda a Grécia, as Grandes Dionisiacas tinham aspectos democráticos não porque todos os festivais eram assim, mas porque simplesmente eram realizadas por uma cidade democrática, ou seja, uma instituição comum à todas as *poleis* só foi adaptada à democracia quando inserida no contexto democrático de fato. Dessa forma, não seria possível associar as peças teatrais e os festivais religiosos à função de formação cívica dos cidadãos atenienses. Os argumentos do autor são convincentes e confirmam a sua hipótese de que os festivais eram instituições gregas em geral e não apenas da democracia ateniense. Entretanto, não consta na argumentação de Rhodes qualquer característica que impeça que os mesmos festivais e as competições teatrais fossem utilizados como ferramenta de formação cívica por Atenas, nem mesmo quando afirma que a democracia adaptou uma instituição pan-helênica. Ao contrário, é perfeitamente lógico supor que tais adaptações que o próprio autor apresenta fossem nada mais do que tentativas de melhorar a eficiência desta “ferramenta”. Além disso, o autor comete o anacronismo de tomar o conceito de democracia na Atenas clássica como o mesmo conceito de democracia dos padrões modernos ao questionar, citando apenas um exemplo, o quão democrático era a seleção de coregos (RHODES, 2003, p. 108). Assim, problematizar aspectos dos festivais que não fossem “nada democráticos” leva obrigatoriamente à necessidade de se problematizar toda a democracia grega.

De forma semelhante, a proposta de Griffin é que as tragédias possuem de fato relação com seu contexto histórico, mas elas não foram criadas para transmitir ideias sobre determinado evento ou determinada ideologia política. Está, na verdade, interessada em abordar questões morais pertinentes a todos os gregos (2009, p. 57). Seguindo a lógica do autor, Eurípides em *As Suplicantes* não almejou falar das virtudes de Atenas, mas sim da questão sobre a não tributação de honras fúnebres aos mortos e o uso disso como ferramenta de guerra contra o inimigo. Um dos argumentos diz que os festivais demonstravam propósito cívico e propagandístico apenas em determinados aspectos isolados, mas considerar toda a instituição pensada em prol disso seria imprudente (GRIFFIN, 2009, p. 46). Outro argumento é que os festivais foram criados durante a era dos tiranos em Atenas e, por esse motivo, não faz sentido acreditar que tais festivais tivessem intenção de exaltar os valores democráticos



(GRIFFIN, 2009, p. 47). Seria ingenuidade acreditar que os festivais não atenderam a propósitos do império ateniense simplesmente pelo fato de não terem sido criados por ele. Ao mesmo tempo, afirmar que todo o evento era voltado para uma doutrinação cívica – o que não se propõe nesse trabalho – seria demasiadamente radical. Fazendo uma analogia para servir de exemplo, sabemos que o cinema hollywoodiano não é uma máquina elaborada pelo Estado com propósito de disseminar os valores norte-americanos. Mas também temos consciência de que tais valores, querendo ou não, acabam por estar impressos nos filmes pelo simples fato de estarem inseridos em um contexto sociocultural específico. Do mesmo modo, é claro que as tragédias e os festivais eram primordialmente criados para entreter os espectadores e honrar os deuses, mas também é inevitável que os valores frequentemente pregados pelo império ateniense não fossem transferidos para a tragédia pelo dramaturgo, inconscientemente ou não.

Por outro lado, há também outros autores que defendem que o vínculo entre as tragédias e o contexto político e social ateniense são inegáveis. Balot acredita que o teatro em Atenas possuiu a função de ser um espaço de educação cívica e de produção do autoconhecimento (2014, p. 259), mas não chega a crer que tenha influenciado diretamente nas decisões políticas. Não houve, para Balot, a tentativa de se usar o teatro para ensinar como que os atenienses deviam ou não se comportar, mas sim indicar que aquele estilo de vida que os atenienses já praticavam era o correto e os levariam à vitória, enquanto que os outros regimes tomavam o caminho errado e, por essa razão, falhavam (2014, p. 286).

A historiadora americana Tzanetou segue um pouco além nesse raciocínio, embora esteja tratando especificamente apenas das tragédias que possuem suplicantes como tema tratado. Para ela, Atenas e os atenienses são sempre representados nas tragédias como benevolentes e altruístas em relação aos outros gregos que procuram a cidade em busca de auxílio, o que indica a tentativa de criar uma imagem idealizada do império e distanciar a realidade do que era a dominação ateniense (TZANETOU, 2012, p. 6). Assim, essas tragédias teriam propósitos que iam além das questões internas em Atenas, ou seja, procuravam legitimar o imperialismo ateniense e a sua liderança sobre as cidades aliadas (TZANETOU, 2012, p. 16).

Considero que a análise de Balot, tendo a opinião de Tzanetou como complemento, forma a ideia mais próxima do que eram as tragédias perante a política e sociedade ateniense. De fato, muitas peças foram feitas pelos dramaturgos claramente com o objetivo, entre outros, de transmitir valores e estilo de vida prezados e encorajados em Atenas. E quando se trata de costumes e valores referentes a todos os gregos, os atenienses são frequentemente retratados como seus principais defensores. Porém, é preciso levar em conta que as competições teatrais

faziam parte de um acontecimento muito maior, festivais religiosos voltados não só para Atenas, mas para toda a Grécia, principalmente para aqueles que faziam parte do império. Prova disso é que os representantes oficiais enviados pelas cidades aliadas desempenhavam papéis importantes durante os vários ritos que eram executados no decorrer do festival (TZANETOU, 2012, p. 25).

De tal modo, entendo que a função do teatro em Atenas possuiu uma função ainda maior do que aquela apresentada por Balot. Além da função social de despertar o sentimento cívico e gerar reflexão sobre eles próprios e sobre os outros, o teatro era usado também como ferramenta propagandística e até mesmo diplomática ao exaltar para o público estrangeiro as virtudes atenienses e ao procurar garantir os interesses do Estado sobre os aliados. Quando, por exemplo, Eurípides representa em *As Suplicantes* o rei Adrasto jurando perante a deusa Atena que daquele em dia em diante Argos estaria eternamente em dívida com os atenienses pelo auxílio prestado (vv. 1183-1226), trata-se de uma mensagem que está se passando àquele público que veio de outras cidades. A mensagem traduz de maneira idealizada a justificativa dada pelos atenienses do porquê seus aliados possuírem a obrigação de lealdade com o império, além de exaltar para estes mesmos aliados a grandeza e superioridade moral de Atenas. Mesmo assim, vale ressaltar que as tragédias e os festivais não devem ser entendidos dessa maneira de forma absoluta. O viés político é apenas uma face dentre várias outras que essas instituições assumem<sup>15</sup>, uma vez que, antes de mais nada, surgiram baseadas em motivações religiosas. Portanto, a pretensão não é fazer do teatro ateniense uma máquina de doutrinação política.

### 3.2 *As Suplicantes* e política

Uma vez definido o entendimento sobre o caráter político das tragédias, cabe agora tratar também especificamente de *As Suplicantes* nesse mesmo sentido. Assim como nos estudos sobre a tragédia em geral, os autores que procuram analisar *As Suplicantes* de Eurípides possuem perspectivas igualmente variadas. Entretanto, nenhum deles deixa de reconhecer a forte conotação política desta tragédia. Até mesmo os mais céticos fazem essa observação, como Rhodes (2003, p. 105), embora este a coloque como uma exceção à regra, o que se prova falso ao considerarmos várias outras tragédias que indicam um propósito

---

<sup>15</sup> Serve como exemplo disso o interessante estudo de Winkler (1985), voltado para o caráter militar dos festivais.

semelhante, como por exemplo *Os Persas* e *Eumênides* de Ésquilo, ou *Os Heráclidas* de Eurípides.

O que não se pode negar, de fato, é que *As Suplicantes* é a mais emblemática nesse sentido, pois tem como tema central a política em si, enquanto outras a abordam de maneira secundária. Por esse motivo e por sua estrutura pouco convencional, em épocas passadas ela foi considerada uma tragédia de má qualidade comparada às outras de Eurípides (SMITH, 1967, p. 151), chegando até a ter sua autoria contestada<sup>16</sup>. Advém disso inúmeros estudos sobre *As Suplicantes* que se limitaram a defender se Eurípides revelava através da peça ser contra ou a favor da política ateniense. Entretanto, a tragédia e as questões que ela aborda são de uma complexidade muito maior.

O propósito moral da peça se torna muito mais claro quando se passa a considerar a tentativa do poeta em abordar ao menos dois temas que se relacionam internamente ao invés de um grande tema como se costuma entender. Em primeiro lugar, a intervenção do Estado em questões externas. Em segundo lugar, o dever moral do Estado em preservar os costumes pan-helênicos, mais especificamente nesse caso em relação aos costumes fúnebres. Partindo dessa premissa, leituras de diversas perspectivas podem ser feitas e aspectos que envolvem os dois temas podem ser identificados.

Já foi visto anteriormente que, para Tzanetou, todas as tragédias que envolvem suplicantes têm o objetivo de representar uma Atenas benevolente que socorre os gregos que sofreram injustiças e, assim, transmitir uma imagem idealizada da cidade ao público. Com *As Suplicantes* de Eurípides não seria diferente. O contexto histórico onde estão essa e outras tragédias semelhantes corrobora este argumento ao considerar as relações entre os atenienses e seus aliados que ficavam cada vez mais conturbadas devido ao tratamento opressor de Atenas e as consequências geradas pela Guerra do Peloponeso. Ao tratar de *As Suplicantes*, a autora dá ênfase à relação entre democracia e império explicitada na tragédia. Sua ideia é que a peça procura passar por meio das falas dos personagens e dos eventos que somente o Estado que possui a democracia como forma de governo pode agregar as condições necessárias para se estabelecer um império dominante de forma justa, pois conquista a glória e a liberdade por meio de suas próprias ações (TZANETOU, 2012, p. 103).

De forma semelhante, Balot também entende *As Suplicantes* como uma exaltação ao império ateniense, porém destacando suas virtudes, especialmente a coragem (2014, pp. 250-252). Teseu é o modelo de ateniense perfeito, pois respeita os valores democráticos, é justo e

---

<sup>16</sup> Norwood publicou um livro onde concluiu que a maior parte de *As Suplicantes* eram interpolações póstumas (1954). Sua hipótese, no entanto, já não recebe tanta atenção atualmente (SMITH, 1967, 151)

corajoso, sem, contudo, agir de maneira irracional. Adrasto e os argivos, por outro lado, caíram em desgraça porque foram imprudentes e levados pela emoção. A moral da peça, portanto, giraria toda em torno da noção de coragem para os atenienses.

O artigo de Ferreira identifica não apenas um, mas vários aspectos políticos que são debatidos em *As Suplicantes*. Assim, considera-se que houve preocupação do poeta em abordar temas relativos à democracia, como suas vantagens em relação aos regimes tirânicos, a importância da atuação política da classe média, a preservação da liberdade e até mesmo o risco que a democracia gera ao abrir espaço para a ascensão de demagogos. Além disso, o autor defende que há nessa tragédia alusões diretas a eventos e pessoas da mesma época, indo contra a posição defendida por Lesky e Zuntz já apresentada anteriormente. Para ele, a motivação de Eurípides ao compor a peça veio de forma muito evidente da figura de Péricles para a representação de Teseu (FERREIRA, 1985-1986, p. 107) e foi motivado também pelos acontecimentos referentes à batalha de Délio durante a Guerra do Peloponeso (FERREIRA, 1985-1986, p. 90), narrada por Tucídides (4.96-101). Segundo seus relatos, a batalha surgiu a partir de um pedido de intervenção para Atenas feita por forças opositoras na Beócia que desejavam instaurar o regime democrático na *polis*. Entretanto, o exército ateniense não foi capaz de vencer o exército inimigo composto de beócios e outros gregos – entre eles, os tebanos –, sendo obrigado a se refugiar no templo de Délio. Os béocios, por sua vez, alegaram que os atenienses estavam profanando um lugar sagrado e, por esse motivo, recusaram-se a devolver os corpos dos atenienses mortos em batalha (4.98). A opinião de Ferreira é que este evento causou grande indignação em Atenas e foi considerado uma grave violação das leis divinas e dos costumes pan-helênicos, suficiente para gerar comoção em Eurípides e inspirá-lo a fazer *As Suplicantes*.

Por fim, Michelini em seu artigo argumenta que *As Suplicantes*, por conter fortes referências contemporâneas, evidencia uma tentativa de Eurípides em trazer de volta para a tragédia o poder educativo e de coesão social que passava aos poucos a pertencer aos discursos não-poéticos (1994, p. 219). Para isso, foca em duas características humanas antagônicas que são constantemente encontradas na literatura grega desde Homero e são consideradas pela autora centrais no entendimento dessa tragédia: a ganância (ὑβρις<sup>17</sup>) e a acomodação (ἡσυχία). Portanto, o que estaria sendo colocado em debate é a busca apaixonada e por vezes violenta do homem em busca de poder em oposição à sua passividade e quietude perante os problemas. A ideia de acomodação naturalmente se opunha ao imperialismo

---

<sup>17</sup> Também pode ser traduzida por desmesura ou exagero. “Uma consequência ruim gerada em decorrência de uma condição boa” (MICHELINI, 1997, p. 220).

ateniense, levado a cabo pelo regime democrático “radical” de Péricles, e, portanto, fazia parte do discurso da aristocracia ateniense a favor do regime oligárquico (MICHELINI, 1997, p. 227). Por sua vez, os democratas atenienses, a favor do imperialismo, reinterpretaram a noção de heroísmo, que envolve autoafirmação e coragem, de forma a desassociá-la da conduta passiva, mas ao mesmo tempo não a confundindo com a ganância (MICHELINI, 1997, p. 231). A posição da autora é interessante no sentido em que mostra, por meio da tragédia, a existência de um pluralismo de convicções políticas em Atenas que frequentemente em Tucídides acaba sendo ofuscado pelo protagonismo de políticos a favor da democracia. Além disso, a autora não deixa de reconhecer grande semelhança entre o Teseu da tragédia e o Péricles do historiador (MICHELINI, 1997, p. 233), uma vez que Teseu assume o paradoxal papel de monarca em uma democracia, o que lembra muito a já conhecida proeminência de Péricles na política da Atenas clássica, ao ponto de Tucídides afirmar que a cidade, embora fosse uma democracia, era governada pelo primeiro de seus cidadãos (2.65).

Como é evidente, *As Suplicantes* de Eurípides é de uma complexidade tal que permite com que muitas interpretações de igual pertinência possam ser feitas sobre ela<sup>18</sup>. Apresento em seguida uma análise dessa tragédia que tem como base os aspectos da política imperialista ateniense presentes na oração fúnebre de Péricles (2.35-46), fazendo uso de ambas as fontes, portanto.

### 3.3 A oração fúnebre e *As Suplicantes*

Como já mencionado antes, os discursos em Tucídides constituem um problema, pois, como o próprio historiador afirma, eles não foram registrados tais como foram proferidos, mas de acordo com o que ele considerou ser propício a ser dito na ocasião. Além disso, também não se sabe se Tucídides manteve seu trabalho inalterado ou interpolou reflexões posteriores geradas pelo que ele viu após o fim da guerra e do império (FINLEY JR., 1938, p. 24). Dessa forma, tais questões geram debates quanto à suposta pretensão do historiador ateniense de buscar a verdade dos acontecimentos. Os discursos são o que permite em grande parte a aproximação e o entendimento das estruturas do império ateniense; por isso, ao mesmo tempo em que são indispensáveis para fazer esse mapeamento, também devem ser analisados com cautela. Apesar disso, considero que não há motivos para acreditar

---

<sup>18</sup> Para reforçar essa ideia, vale destacar também o artigo de Morwood (2012) que possui uma linha de interpretação bastante divergente das que foram apresentadas até então ao entender *As Suplicantes* como uma crítica de Eurípides ao “atenocentrismo” instaurado na cidade após a lei de Péricles que restringia a cidadania ateniense.

que o autor tenha forjado ou adulterado discursos ao seu total interesse, mas, ao contrário, tenha procurado expor da melhor maneira possível os argumentos, pontos abordados e sentimentos presentes nestes discursos. Vale lembrar que Tucídides está escrevendo naquele momento para pessoas de sua própria época, sendo que muitas delas testemunharam os episódios narrados por ele (BALOT, 2014, p. 14). Portanto, o historiador estaria anulando sua própria credibilidade caso estivesse criando tais discursos.

De toda forma, os discursos ainda podem ser questionados por representarem uma noção geral da política e sociedade ateniense exclusiva de Tucídides ou então por fazerem parte de uma percepção que encontrava um senso-comum em toda Atenas. Para tentar solucionar isso, o que se propõe é uma comparação entre Tucídides e outras fontes contemporâneas que possam confirmar, ou não, o pensamento presente na obra historiográfica. Nesse caso então, a comparação entre *As Suplicantes* de Eurípides e a oração fúnebre em Tucídides pode revelar se o conhecimento sobre o imperialismo ateniense no discurso representa uma audiência mais ampla.

Tanto a oração fúnebre de Péricles quanto *As Suplicantes* de Eurípides convergem no objetivo de exaltar a superioridade militar e moral de Atenas. Entretanto, diferem em alguns pontos na forma como fazem isso. Por exemplo, enquanto na tragédia se dá grande ênfase aos aliados, na oração a menção a eles é escassa e se dá de forma indireta. Explica-se essa diferença por um motivo bastante lógico: as tragédias eram apresentadas nas dionisíacas, festivais religiosos abertos a todos os gregos e que contavam com importante participação dos aliados atenienses, como nos rituais de libação e na entrega dos recursos ao tesouro da Liga de Delos. Por outro lado, as orações fúnebres eram eventos destinados aos cidadãos atenienses, muitos deles familiares dos soldados-cidadãos mortos em batalha (TZANETOU, 2012, p. 24). Uma segunda diferença notável, mas restrita às duas fontes selecionadas, é que em *As Suplicantes*, os argivos, após terem sido socorridos por Teseu, são obrigados a jurar solenemente perante a própria deusa Atena que seriam eternos aliados dos atenienses e estariam ao lado da cidade em situação de guerra (vv. 1183-1195). Já na oração fúnebre, Péricles afirma que os aliados atenienses permanecem como tal não por que são obrigados, mas porque são gratos pela generosidade ateniense (2.40). Considerando os contextos em que os dois foram apresentados já expostos no primeiro exemplo, percebe-se o caráter convencedor – e até mais coercitivo – do discurso presente na tragédia.

O cruzamento das duas fontes revela discursos semelhantes sobre o imperialismo ateniense baseando-se ao menos em quatro aspectos. Em primeiro lugar, Péricles destaca na oração fúnebre que os atenienses se diferenciam dos espartanos porque, ao contrário destes,

não vivem em função da guerra, mas também não vacilam diante dela. A cidade tem a habilidade de agir quando é necessário, mas também é capaz de conter seus ímpetus nos momentos em que é moderação é necessária (2.39). Prossegue no mesmo raciocínio no capítulo seguinte ao dizer que os atenienses são superiores porque são corajosos o suficiente para agir, mas não são ignorantes a ponto de não refletir sobre os riscos que tal ação pode gerar. Outros gregos, ao contrário, entendem que a reflexão é sinônimo de hesitação (2.40). Em *As Suplicantes*, várias passagens apresentam discurso semelhante. O rei Adrasto agiu com imprudência porque insistiu na guerra contra Tebas, sendo levado pela emoção ao ser incitado pelos mais jovens que ansiavam por combate (vv. 160-162). Após concordar em atender a súplica de Adrasto, Teseu propõe agir de forma moderada, porém não hesitante. Sua intenção é convencer os tebanos a devolverem os corpos de maneira pacífica. Somente caso esse recurso não funcionasse é que ele pretendia derramar sangue. Além disso, o rei de Atenas insiste que só irá entrar em guerra com Tebas com a aprovação da assembleia da cidade (vv. 346-348). Por fim, após vencer a batalha, o mensageiro que anuncia a vitória do exército ateniense se admira com a atitude de Teseu em não querer saquear a cidade, uma vez que seu objetivo era apenas recuperar os corpos dos argivos. O mensageiro também diz que generais como Teseu são vitoriosos porque são corajosos no momento propício (vv. 724-730).

Em Atenas, coragem estava ligada à democracia e, portanto, era vital para a garantia da liberdade e igualdade de todos os seus cidadãos e, ao menos em discurso, também de todos os membros do império. Por isso, os atenienses acreditavam que foi por causa de sua atitude corajosa em momentos decisivos – como na batalha de Maratona e Salamina contra os persas – que os tornaram justamente superiores aos outros gregos (BALOT, 2014, p. 2). Ao tratar da coragem dos atenienses, as duas fontes concordam com a noção de que esta virtude é composta por duas características fundamentais que podem inicialmente parecer opostas, a saber: discernimento (γνώσις) – necessário para se ponderar sobre a situação e os seus riscos – e a ousadia (τόλμα) – necessária para que decisão corajosa fosse tomada. Assim, a coragem ateniense não seria irracional – ao contrário da coragem espartana, por exemplo, do ponto de vista ateniense –, mas composta pela capacidade de avaliar os riscos e as recompensas de tal atitude. Sendo a coragem, para Péricles, responsável por garantir a liberdade e o bem-estar de seu império, justifica-se nisso o direito de Atenas em dominar e intervir nas cidades aliadas quando julgasse necessário.

Já foi mencionado que Péricles só faz uma menção aos aliados de Atenas durante a oração fúnebre, quando diz que o império conquista amigos e aliados porque a cidade está sempre disposta a ajudar aqueles que necessitam e não o faz visando interesses futuros, o faz

em nome da liberdade (2.40). Também dá destaque à transparência e receptividade de Atenas a qualquer estrangeiro que a queira conhecer, mesmo que seja um inimigo, alegando que a superioridade ateniense vem de sua coragem e não de estratagemas (2.39). Na tragédia, Adrasto explica por que foi em busca de Atenas em detrimento de Esparta e outras cidades gregas: os espartanos são “cruéis e desonestos” (ὠμὴ καὶ πεποίκιλται) (v. 187) enquanto as outras cidades não são fortes o suficiente. Atenas, por outro lado, é misericordiosa e possui um líder habilidoso (vv. 185-192). Durante o famoso debate entre Teseu e o arauto tebano, após falhar em convencer os atenienses a recuar, o arauto reclama do costume de Atenas em se intrometer em assuntos alheios. Teseu, por sua vez, responde que “por ser grande suas responsabilidades, grande era sua prosperidade” (τοὶ γὰρ πονοῦσα πολλὰ πόλλ' εὐδαιμονεῖ) (vv. 576-577). Ou seja, ao assumir o dever de proteger os que sofrem injustiças, Atenas recebe a glória em retorno.

Assim como Péricles exalta em seu discurso, a Atenas de *As Suplicantes* também é generosa e aberta aos estrangeiros que necessitam de ajuda. Entretanto, o consentimento do aliado para a intervenção ateniense é sempre destacado – no caso da tragédia, esse aliado assume o papel de suplicante. Assim, Atenas justifica sua intervenção sobre os aliados, de forma que deixasse claro para aqueles que em algum momento questionasse esta presença de que o domínio ateniense não só foi aceito como foi requisitado por eles no momento em que mais precisavam – e, neste caso, este momento para muitas destas cidades foi o avanço persa sobre elas nas Guerras Médicas. Também as passagens destacadas fazem transparecer a imagem idealizada que os atenienses tinham deles mesmos como defensores da justiça na Grécia.

Sendo um terceiro aspecto, a oração fúnebre e *As Suplicantes* também expressam a noção de guerra justa. Quando Péricles diz que os atenienses mortos em combate merecem as honrarias porque, além de todas as suas virtudes, foram corajosos para se lançar em uma guerra justa, “suprimiram o mal com o bem” (ἀγαθῷ γὰρ κακὸν ἀφανίσαντες) e puniram o inimigo que atentou contra a liberdade (2.42). Ao tratar do oposto disso, Eurípides entende que guerras injustas e mal-intencionadas estão fadadas a trazer desgraças para aqueles que as incitam. A guerra de Argos contra Tebas é injusta porque não obteve a aprovação dos deuses e mesmo assim foi levada a cabo por Adrasto, movido pela ganância (v. 157; vv. 229-231). Por outro lado, a mãe de Teseu é convicta de que a guerra que ele está prestes a lançar é justa e lhe trará a vitória, pois é motivada pela preservação da vontade divina e dos direitos dos argivos ao procurar o sepultamento dos corpos dos seus guerreiros mortos (vv. 326-331).



A intervenção de Teseu poderia ser vista como a perpetuação do erro de Adrasto e a negação dos princípios que Atenas defende. Porém, a causa da guerra levada por Atenas não é a mesma dos argivos, pois está interessada na defesa do bem-comum e na liberdade dos gregos. Por esse motivo ela se justifica. O discurso da tragédia e da oração fúnebre também se assemelham nesse sentido e revelam a estreita relação da noção de guerra justa com a liberdade. Assim, enquanto os atenienses justificavam sua intervenção sobre os aliados baseados no pretexto de auxiliar os necessitados que sofrem injustiças, a guerra justa fundamenta a intervenção em territórios inimigos. O conceito de liberdade para os atenienses incluía também a noção de que é necessário dominar para não ser dominado (TZANETOU, 2012, p. 75). A proteção da liberdade, portanto, é de extrema importância para o império ateniense e está presente em vários outros momentos, por exemplo, na justificativa da criação da Liga de Delos para a defesa contra a tirania persa e na declaração de guerra contra os espartanos, pois eles desejavam censurar as ações de Atenas.

Por fim, Péricles reforça que a guerra não só é obrigação moral dos atenienses, como também necessária para o império. O império precisa estar permanentemente ativo, pois aqueles que vivem sob constante risco jamais se descuidam (2.43). Um dos argumentos de Etra para convencer Teseu a auxiliar os argivos se baseia na constante busca pela glória. A cidade precisa estar sempre ativa e seus cidadãos não devem ser covardes se quiserem conquistar a superioridade (vv. 314-324). De outro ponto de vista, o arauto tebano entende que a busca pela paz é melhor do que se lançar em guerras, e o homem acomodado e que tem discrição é mais sábio (vv. 486-510).

A valorização da vida ativa, portanto, também faz parte do discurso imperialista ateniense. A cidade que busca a ação e não se contenta com o *status quo* está sempre evoluindo, recebe a glória e é preparada para os problemas. Ao passo que a inatividade leva à dominação, ao retrocesso e à covardia. Tal concepção também está no discurso de Alcíbiades contra Nícias e é um dos seus principais argumentos no debate sobre a expedição à Sicília (6.15-18). O discurso da inatividade pode ser atribuído pelos imperialistas tanto aos seus inimigos externos – principalmente Esparta, conhecida por seu forte conservadorismo (FINLEY JR, 1938, pp. 45-46) – quanto à própria aristocracia ateniense (MICHELINI, 1997, p. 227). Além disso, observa-se um esforço em desassociar a virtude da atividade do conceito de ganância, tradicionalmente mal visto pelos gregos.

Baseado nessa análise, é possível traçar quatro aspectos valorizados no discurso imperialista ateniense: 1) a coragem, 2) o auxílio aos necessitados, 3) a guerra justa e 4) a vida ativa. Além dessas questões referentes ao imperialismo, o estudo das duas fontes também

permite reconhecer diversas outras características do pensamento político e social em Atenas, como as virtudes – e até problemas – da democracia, o mal causado por regimes tirânicos, a percepção sobre guerra e paz, entre outros. Além disso, não dá para deixar de reconhecer grande semelhança entre o Péricles idealizado de Tucídides e o Teseu de Eurípides, já que ambos representam a imagem do líder capacitado por carregarem em si as virtudes de Atenas. *As Suplicantes* não retrata o império ateniense como de fato era, mas como Eurípides – e parte dos atenienses – queriam que fosse apresentado a eles mesmos e aos outros gregos. Assim, é possível concluir que essa tragédia era uma dentre outras formas de se construir uma ideologia e consequentemente legitimar o império.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Péricles e outros atenienses de grande influência tinham consciência de que a estabilidade política e econômica do império dependia em grande parte da coesão social, tanto entre as cidades aliadas quanto entre a população de Atenas. Por isso admite-se que fizeram uso de todos os recursos possíveis para se alcançar esse objetivo.

A análise das fontes trabalhadas nesta pesquisa mostra que a oração fúnebre de Péricles e a encenação da tragédia *As Suplicantes* de Eurípides estavam entre outros eventos em que se tentou propagar uma ideologia pré-concebida sobre o império e suas práticas. Indo mais além, percebe-se também que vários outros discursos do trabalho de Tucídides e outras tragédias dos três grandes dramaturgos também apresentam elementos semelhantes que remetem à política imperialista ateniense.

Vale ressaltar, entretanto, que os discursos e os aspectos sobre o império estão representados de forma idealizada e não necessariamente correspondem com a realidade histórica passível de construção. Com efeito, a política de dominação ateniense sobre seus aliados se mostrou cada vez mais opressora e violenta com o decorrer da Guerra do Peloponeso; e virtudes que são prezadas nos discursos, como a noção de coragem e prudência, por várias vezes deixaram de ser colocadas em prática, como por exemplo no massacre dos habitantes de Melos e na expedição à Sicília. Por outro lado, alguns eventos demonstram que os atenienses tinham capacidade de agir com bravura e parcimônia ao mesmo tempo, como no episódio em que decidiram sobre o destino dos mitilenos, onde optaram pela medida extrema em um momento inicial de fúria sob o incentivo das palavras de Cleon, mas logo depois decidiram voltar atrás na decisão. De qualquer forma, não se pretendeu nesta pesquisa entrar no mérito da realidade, mas apenas de um discurso, entre vários outros, presente em mais de uma fonte. Nesse caso, o discurso da manutenção do império

Por fim, a surpreendente semelhança entre a oração de Péricles e o discurso representado na tragédia de Eurípides, somado ao caráter público dos festivais religiosos e das competições teatrais, revela que a percepção sobre o que era o império ateniense não se restringia apenas à opinião de Tucídides ou de Péricles, mas encontrava um número de adeptos muito maior.

## FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fontes primárias

ARISTÓTELES. *Poética*. Traduzido por SOUSA, Eudoro de. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

ÉSQUILO. *Oresteia* [Online]. Translated by SMYTH, Herbert. Cambridge: Harvard University Press, 1926. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0004>>. Acesso em: 06 fev. 2014.

\_\_\_\_\_. *Persians* [Online]. Translated by SMYTH, Herbert. Cambridge: Harvard University Press, 1926. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0012>>. Acesso em: 17 nov. 2015.

EURÍPIDES. *Helen* [Online]. Translated by COLERIDGE, P. E. New York: Random House, 1938. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0100>>. Acesso em: 06 fev. 2014.

\_\_\_\_\_. *Heracleidae* [Online]. Translated by KOVACS, David. Cambridge: Harvard University Press (Loeb Classical Library), 1994. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0104>>. Acesso em: 17 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. *Medea* [Online]. Translated by KOVACS, David. Cambridge: Harvard University Press (Loeb Classical Library), 1994. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0114>>. Acesso em: 06 fev. 2014.

\_\_\_\_\_. *Suppliant women*. Translated by KOVACS, David. London: Harvard University Press (Loeb Classical Library), 1998.

PLUTARCO. *Plutarch's lives: life of Nikias* [Online]. Translated by PERRIN, Bernadotte. Cambridge: Harvard University Press, 1916. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:2008.01.0051>>. Acesso em: 31 jan. 2014.

PLUTARCO. *Plutarch's moralia IV*. Translated by BABBITT, Frank. London: Harvard University Press (Loeb Classical Library), 1962.

PLUTARCO. *Vidas paralelas: Péricles e Fábio Máximo*. Traduzido por FERREIRA, Ana Maria; RODRIGUES, Ália. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010.

SÓFOCLES. *Antigone* [Online]. Translated by JEBB, Sir Richard. Cambridge: Cambridge University Press, 1891. Disponível em:

<<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0186>>. Acesso em: 06 fev. 2014.

\_\_\_\_\_. *Electra* [Online]. Translated by JEBB, Sir Richard. Cambridge: Cambridge University Press, 1894. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0188>>. Acesso em: 06 fev. 2014.

\_\_\_\_\_. *Oedipus at Colonus* [Online]. Translated by JEBB, Sir Richard. Cambridge: Cambridge University Press, 1889. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0190>>. Acesso em: 06 fev. 2014.

\_\_\_\_\_. *Oedipus tyrannus* [Online]. Translated by JEBB, Sir Richard. Cambridge: Cambridge University Press, 1887. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0192%3Acard%3D1>>. Acesso em: 06 fev. 2014.

\_\_\_\_\_. *Trachiniae* [Online]. Translated by JEBB, Sir Richard. Cambridge: Cambridge University Press, 1892. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0196>>. Acesso em: 06 fev. 2014.

THUCÍDIDES. *History of the Peloponnesian War*. Translated by SMITH, Charles. London: Harvard University Press (Loeb Classical Library), 1928.

## Bibliografia

BALOT, Ryan. *Courage in the democratic polis: ideology and critique in classical Athens*. New York: Oxford University Press, 2014.

BOWRA, Cecil. *Periclean Athens*. New York: The Dial Press, 1971.

CANFORA, Luciano. *Biographical obscurities and problems of composition*. In: RENGAKOS, A; TSAKMAKIS, A (coord.). *Brill's companion to Thucydides*. Leiden: Brill, 2006.

CARTLEDGE, Paul. 'Deep plays': theatre as process in Greek civic life. In: EASTERLING, Patricia (coord.). *The Cambridge companion to Greek tragedy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. pp. 3-35.

CAWKWELL, George. *Thucydides and the Peloponnesian War*. London: Rutledge, 1997.

DAMEN, Mark. *Classical Greek Tragedy, Part 3*. Logan: Utah State University, 2012a. Disponível em: <<http://www.usu.edu/markdamen/clasdram/chapters/073gktrageur.htm>>. Acesso em: 31 jan. 2014.

\_\_\_\_\_. *The Classical Age of Greece*. Logan: Utah State University, 2012b. Disponível em: <<http://www.usu.edu/markdamen/clasdram/chapters/051clasgk.htm#sophists>>. Acesso em: 31 jan. 2014.

\_\_\_\_\_. *The Origins of Greek Theatre, Part 1*. Logan: Utah State University, 2012c. Disponível em: <<http://www.usu.edu/markdamen/clasdram/chapters/041gkorig.htm>>. Acesso em: 31 jan. 2014.

DEBNAR, Paula. *Fifth-Century Athenian history and tragedy*. In: GREGORY, Justina. (coord.). *A companion to Greek tragedy*. Malden; Oxford; Victoria: Blackwell Publishing, 2005. pp. 3-22.

FERREIRA, Aurélio. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*. Rio de Janeiro: Editora Positivo, 2004. Versão 5.0. 1 CD-ROM.

FERREIRA, José. *Aspectos políticos nas Suplicantes de Eurípides*. Humanitas [Online], Coimbra, 1985-1986. Disponível em: <[http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas37-38/03\\_Ribeiro\\_Ferreira.pdf](http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas37-38/03_Ribeiro_Ferreira.pdf)>. Acesso em: 31 jan. 2014

FINLEY, Moses. *Economy and society in Ancient Greece*. New York: The Viking Press, 1981.

\_\_\_\_\_. *Os gregos antigos*. Lisboa: Edições 70, 1963.

FINLEY JR., John H. *Euripides and Thucydides*. Harvard Studies in Classical Philology, v. 49, pp. 22-68, 1938.

GREGORY, Justina. *Euripidean tragedy*. In: \_\_\_\_\_. (coord.). *A companion to Greek tragedy*. Malden; Oxford; Victoria: Blackwell Publishing, 2005. pp. 251-270.

GRIFFIN, Jasper. *The social function of Attic tragedy*. The Classical Quarterly 48: 39-61, 2009.

KAGAN, Donald. *A guerra do Peloponeso*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

KOVACS, David. *Text and transmission*. In: GREGORY, Justina. (coord.). *A companion to Greek tragedy*. Malden; Oxford; Victoria: Blackwell Publishing, 2005. pp. 379-393.

LESKY, Albin. *História da literatura grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

LOW, Polly. *The Athenian empire*. In: BOYS-STONES, G.; GRAZIOSI, B.; VASUNIA, P. (coord.). *The Oxford handbook of Hellenic studies*. New York: Oxford University Press, 2009. pp. 65-76.

MARTIN, Thomas. *Ancient Greece: from Prehistoric to Hellenistic times*. Yale: Yale University Press, 2000.

MCLEISH, Kenneth. *A guide to Greek theatre and drama*. London: Methuen Drama, 2003.

MEISTER, Klaus. *La storiografia greca*. Bari: Editori Laterza, 2008.

MICHELINI, Ann. *Political themes in Euripides' Suppliants*. The American Journal of Philology 115: 219-252, 1994.

MORRISON, James. *Interaction of speech and narrative in Thucydides*. In: RENGAKOS, A; TSAKMAKIS, A (coord.). *Brill's companion to Thucydides*. Leiden: Brill, 2006.

MORWOOD, James. *Euripides' Suppliant Women, Theseus and athenocentrism*. Mnemosyne 65: 552-564, 2012.

MOSSÉ, Claude. *Atenas: a história de uma democracia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1971.

MURRAY, Gilbert. *Euripides and his age*. London: The London and Norwich Press, 1913.

RAAFLAUB, Kurt. *Warfare in Athenian Society*. In: SAMONS II, Loren J. *The Cambridge companion to the Age of Pericles*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. pp. 96-124.

RHODES, Peter. *Nothing to do with democracy: Athenian drama and the polis*. Journal of Hellenic Studies 123: 104-119, 2003.

RIBEIRO JR., Wilson. *As "Vidas" anônimas* [Online]. São Carlos: Portal Grécia Antiga, 2009. Disponível em: <<http://greclantiga.org/arquivo.asp?num=0815>>. Acesso em: 31 de jan. 2014.

\_\_\_\_\_. *Ésquilos* [Online]. São Carlos: Portal Grécia Antiga, 1998a. Disponível em: <<http://greclantiga.org/arquivo.asp?num=0059>>. Acesso em: 31 de jan. 2014.

\_\_\_\_\_. *Sófocles* [Online]. São Carlos: Portal Grécia Antiga, 1998b. Disponível em: <<http://greclantiga.org/arquivo.asp?num=0075>>. Acesso em: 31 de jan. 2014.

ROOD, Tim. *Objectivity and authority: Thucydides' historical method*. In: RENGAKOS, A; TSAKMAKIS, A (coord.). *Brill's companion to Thucydides*. Leiden: Brill, 2006.

SCODEL, Ruth. *An introduction to Greek tragedy*. New York: Cambridge University Press, 2011.

SMITH, Wesley. *Expressive form in Euripides' Suppliants*. Harvard Studies in Classical Philology 71: 151-170, 1967.

TORRANO, Jaa. *Ésquilos: tragédias*. São Paulo: Iluminuras, 2009.

TZANETOU, Angeliki. *City of suppliants: tragedy and the Athenian empire*. Austin: University of Texas Press, 2012.

WINKLER, John. *The ephebes' song: tragôidia and polis*. Representations 11: 26-62, 1985.

ZUNTZ, Günther. *The Political Plays of Euripides*. Manchester: Manchester University Press, 1955.

## DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, Luiz Carlos Camargo Oberst, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “Aspectos do imperialismo ateniense na oração fúnebre de Péricles e em *As Suplicantes* de Eurípides” foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

---

Luiz Carlos Camargo Oberst

Brasília, 07 de dezembro de 2015